ALBUM

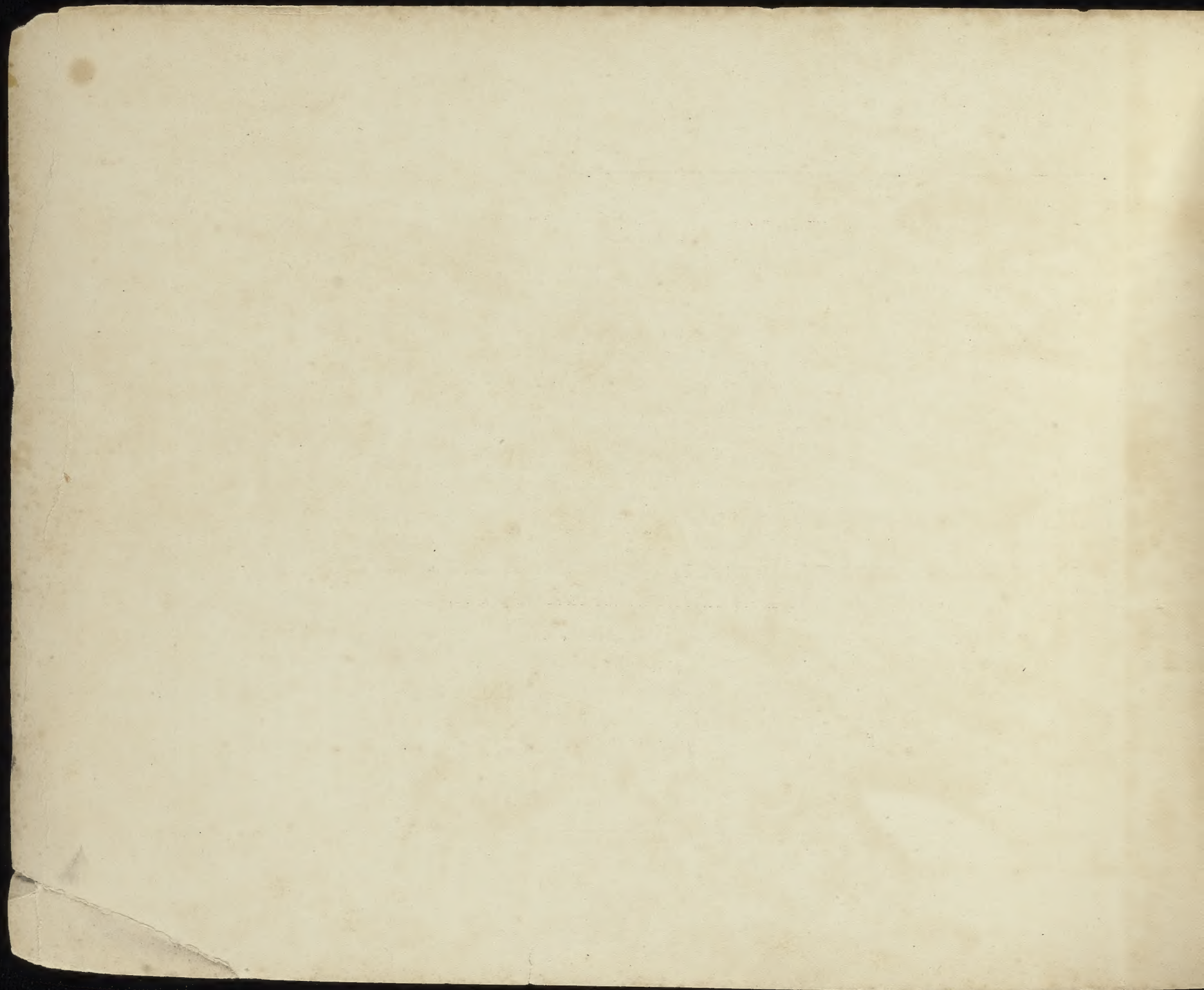
PHOTOGRAPHICO E DESCRIPTIVO

Por J. A. da Cunha Moraes

AFRICA OCCIDENTAL

(MOSSAMEDES, HUILLA E HUMPATA)

David Corazzi - Editor

40—Rua da Atalaya, 52—Lisboa

INTRODUCÇÃO

IDÉAS GERAES SOBRE MOSSAMEDES

O districto de Mossamedes tem por limites ao norte o districto de Benguella, ao sul o rio Cunene, a oeste o mar e a éste os rios Cunene e Cubango. O litoral d'este districto é arido e pouco accidentado, excepto para o lado sul da bahia de Mossamedes, onde a costa é toda formada por grandes dunas de areia e rochas esbranquiçadas, cortadas a prumo sobre as aguas, as quaes dão a esta parte da costa um aspecto monotono e desagradavel.

O terreno, cortado por torrentes de agua no tempo das chuvas, vae subindo gradualmente n'uma extensão de oitenta a cento e vinte milhas para o interior, aonde se levanta de repente um enorme degrau de mais de mil metros de elevação, o qual fórma a serra da Chella, cujo planalto é muito saudavel e proprio para a colonisação europea. N'elle se gozam grandes planicies cobertas de pastagens e innumeros regatos que, dirigindo-se em differentes direcções no interior, convergem a final para os rios Cunene e Cubango, que vão engrossar.

A bahia de Mossamedes, denominada Angra dos Negros *pelos antigos navegadores, e* Little fish bay *pelos inglezes, foi mandada visitar, em 1839, pelo capitão general de Angola, barão de Mossamedes, que ordenou ao capitão mór de Benguella, João Francisco Garcia, a sua exploração por terra.*

Garcia, ao chegar, encontrou já fundeada na bahia a corveta Isabel Maria, *do commando do capitão tenente, Pedro Alexandrino da Cunha. Seguindo para Loanda na corveta, d'alli voltou a Benguella, onde organisou uma expedição de setenta e duas praças, com as quaes se embarcou em um navio mercante, fretado para ir definitivamente occupar Mossamedes, com a denominação de* Estabelecimento *dependente do districto de Benguella.*

Ao sahir de Benguella foi este navio aprisionado por um cruzador inglez, que o reconduziu áquelle porto, e, desembarcada toda a gente da expedição, foi o navio levado para a serra Leoa. Mais tarde, porém, o governo inglez indemnisou o armador do navio do prejuizo que lhe causou o arbitrario proceder do cruzador e de seus marinheiros.

Voltando a Loanda, Garcia organisa nova expedição, que embarcou a bordo da corveta Isabel Maria *e da escuna* Nympha, *com as quaes chegou a Mossamedes em principios do mez de agosto de 1840, data da verdadeira fundação do Estabelecimento. A 13 d'esse mesmo mez foi lavrado um auto de commercio e amisade com os sóbas Mussongo, Giraúlo e Quiatema,* macota *(embaixador) do sóba do Jau, representando n'esse acto o rei de Portugal o commandante da corveta, Pedro Alexandrino da Cunha, e Garcia, chefe do Estabelecimento.*

Quando Garcia visitou pela primeira vez Mossamedes, já havia alli uma feitoria regularmente estabelecida no sitio das Quipólas (Hortas), pertencente a um negociante de Benguella.

Do rapido desenvolvimento, que tem tido este districto, falaremos quando apresentarmos as respectivas photographias.

As diversas nascentes de agua, que correm na encosta da serra da Chella, formam os rios Coróque, Béro ou rio dos Mortos, Giraúl, S. Nicolau e Carunjamba, que só levam agua no tempo das chuvas. Como as chuvas são raras no litoral, passam-se annos em que os leitos d'estes rios, na sua maior parte, se conservam seccos, sendo preciso cavar a uma certa profundidade para obter agua. Nos valles das serras Capamgombe, Munhino, etc. ha mais agua, mas tambem ha uma atmosphera quente e impropria para os europeus.

O districto de Mossamedes divide-se em seis concelhos: Mossamedes propriamente dito, comprehendendo as fazendas agricolas do Coróque, S. Nicolau, Carumjamba, etc., e as pescarias do porto Alexandre e da bahia dos Tigres; Bumbo, comprehendendo Capamgombe, Bibàlla, Munhino, etc., e a parte baixa da serra; Huilla com a missão e colonias da Chibia Palanco; Hunpata com a colonia Sá da Bandeira, no Lubango; Gambos e Humbe, o concelho mais distante, nas margens do rio Cunene, e ligado ao litoral por uma estrada carreteira.

Toda a região comprehendida entre a serra da Chella e o mar é pouco povoada por gentios. As tribus principaes ao sul são as mucubaes *e as* nucoróques, *e ao norte as* mundombes, *todas susceptiveis de civilisação.*

VILLA DE MOSSAMEDES

A villa de Mossamedes fica situada em 15° 15′ Lat. Sul e 12° 9′ Long. Éste, de Greenwich, junto de uma espaçosa e funda bahia perfeitamente abrigada, ao sul pela ponta do Noronha e ao norte pela ponta do Giraúl. N'ella podem fundear, e proximo da praia, os navios de maior lotação.

Edificada n'um vasto areal, é uma encantadora povoação de casas pequenas e alegres, com ruas largas, alinhadas e parallelas. E, postoque fundada ha menos de cincoenta annos, tem tido um rapido desenvolvimento, devido á iniciativa tanto do governo como dos particulares.

Antes, porém, de continuarmos na descripção d'esta villa, daremos alguns apontamentos historicos.

Constituido, como já dissemos, o *Estabelecimento* de Mossamedes, serviu este primeiro de presidio para degredados; mas as noticias espalhadas por alguns viajantes ácérca da fertilidade dos terrenos das margens do rio Béro e de alguns pontos do interior, e, sobretudo, da benignidade do seu clima, suscitaram ao governo a idéa de colonisação por gente livre. Muitos portuguezes luctavam então com grandes difficuldades no Brazil, sendo victimas uns de perseguições e vexames, outros do clima e da miseria. Desejosos de emigrarem para procurar fortuna n'outras paragens, e exposta ao governo portuguez a sua situação, propoz-lhes este o emigrarem para Angola, dando-lhes transporte para sahirem do Brazil, e recursos para se estabelecerem em Mossamedes.

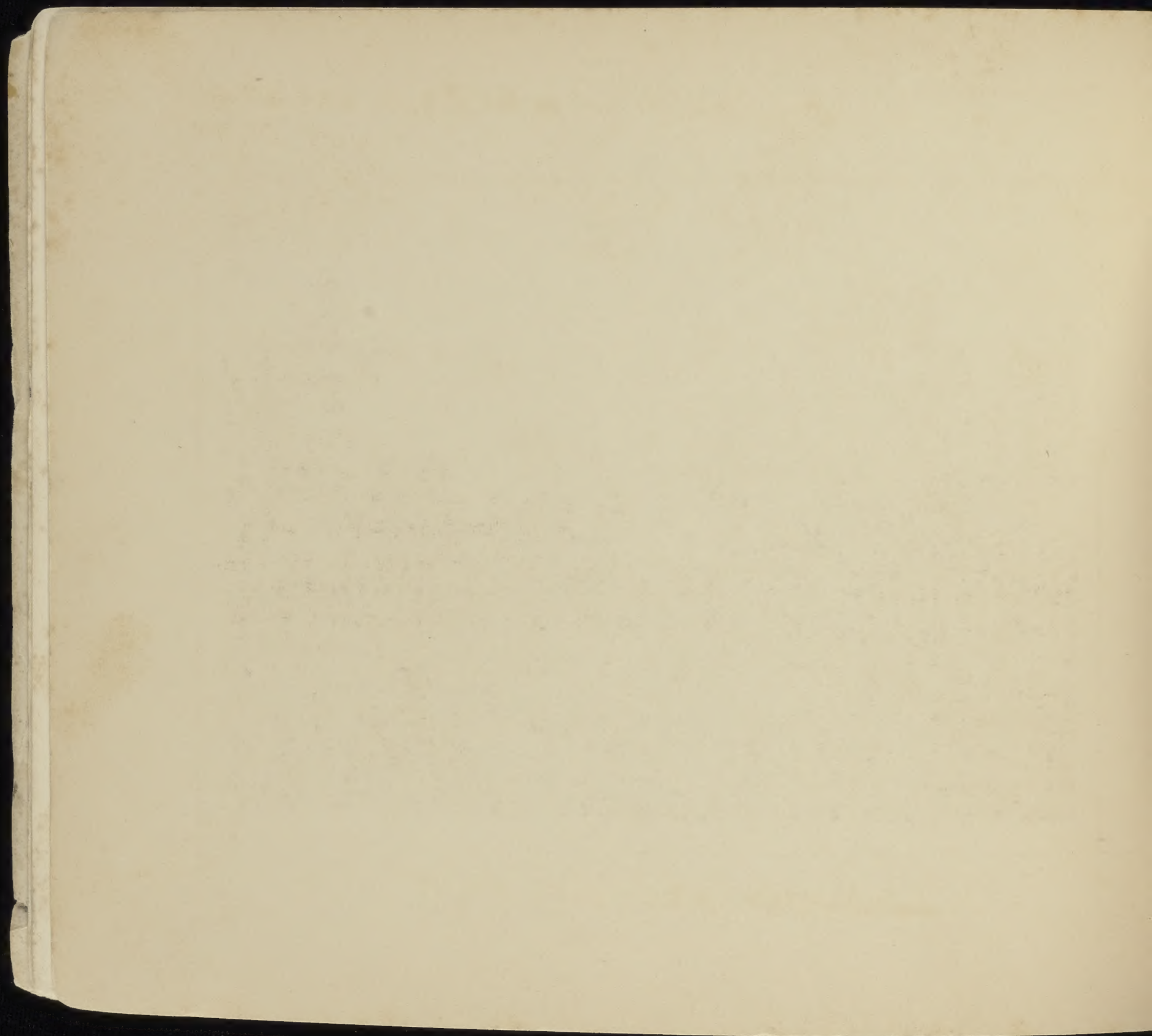
Organisada a expedição, que tinha por chefe Bernardino Freire de Figueiredo Alves e Castro,

largaram de Pernambuco, em maio, a bordo da barca *Tentativa Feliz* e do brigue *Douro*, chegando a Mossamedes a 4 de agosto de 1849, onde foram recebidos pelo major José Herculano Ferreira Horta, a quem o governador de Angola, Adrião Accacio da Silveira Pinto, dera as ordens precisas para receber os colonos e dar-lhes a hospitalidade e meios de que carecessem para cultivar as terras.

Essas ordens ou propositos do governo, não sortiram os resultados que se esperavam. As terras, por falta de chuva, pouco produziam, vendo-se os pobres colonos obrigados a retirar; e os que permaneceram, por não terem coragem nem recursos para voltar á patria, dedicaram-se á pesca, aliás improductiva por falta de apparelhos; de sorte que, com raras excepções, alli foram victimas das febres, aggravadas pela insufficiente e má alimentação, falta de medicamentos, etc.

Em 13 de outubro de 1850, a bordo do brigue *Douro* e da barca *Bracarense*, sahiu de Pernambuco uma nova colonia, que aportou a Mossamedes a 21 de novembro. As despesas feitas com o transporte d'esta colonia foram pagas com dinheiro levantado por uma subscripção. Era chefe da colonia José Joaquim da Costa. Esta nova colonia veiu engrossar as fileiras dissiminadas dos infelizes que luctavam ainda perseverante e pacientemente contra a adversidade que os perseguia.

Não foram, porém, mais felizes os novos colonos, por negligencia ou má vontade do governo, que cessou com o pouco auxilio que lhes prestava, abandonando-os á sua triste sorte.

VILLA DE MOSSAMEDES

RUA DA PRAIA
(MOSSAMEDES)

VILLA DE MOSSAMEDES

(CONTINUAÇÃO)

As noticias que se receberam dos colonos eram tão desanimadoras que os seus compatriotas desistiram de organisar nova expedição. Todavia, alguns houve que para lá se foram estabelecer. D'esses, poucos ficaram; mas os que tiveram forças para luctar com a sorte, formaram o nucleo dos trabalhadores que concorreram para o engrandecimento da risonha villa de Mossamedes e dos quaes poucos restam hoje. Os seus descendentes seguem o caminho que elles traçaram, procurando por todos os meios engrandecer o districto e embellezar a pequena villa, patria de muitos d'elles, e a Madeira da Africa occidental.

*
* *

A villa de Mossamedes é formada por quatro ruas parallelas entre si e á praia cortadas perpendicularmente por grande numero de travessas, formando quarteirões de 100 metros de frente.

Tem dois largos: n'um, proximo á praia, está o mercado e no outro o modesto monumento erigido á memoria do marquez de Sá da Bandeira, o qual é composto de uma columna lisa de pedra assente no meio de um quadrado de terreno com gradeamento de ferro. Ha ainda um terceiro largo ajardinado, com um lago ao centro. A villa é toda illuminada a petroleo.

Na parte alta da villa assentam a fortaleza, a egreja, o hospital e outros edificios importantes.

As casas são quasi todas terreas e pequenas, mas elegantes e asseiadas, com quintaes ou jardins e agua de *cacimbo* (poço.) A agua dos cacimbos é salobra; porém, a das Hortas é potavel.

No clima de Mossamedes não se notam grandes alterações; a sua temperatura é quasi constante e agradavel, motivo por que é procurada por todos aquelles, que precisam convalescer das febres e anemias.

Mossamedes tem uma população approximada de 500 habitantes brancos, afora as praças do batalhão de caçadores n.º 4, e a população fluctuante.

Os principaes edificios, são: a alfandega, a casa da camara, e a escola para o sexo masculino. A cadeia e o hospital estão em pessimas condições, devendo este ser brevemente substituido por um outro novo, de ferro e madeira.

Tem mais um poço publico munido de um motor a vento, offerecido á camara pelo negociante F. J. Sousa. Junto á ponta do Giraúl ha um pharol de luz branca fixa, que alcança 12 milhas, n'um, raio de 270°

VILLA DE MOSSAMEDES

VILLA DE MOSSAMEDES

PONTE-CAES E EGREJA DE SANTO ADRIÃO

Por iniciativa do major Gorjão, chefe e director da expedição de obras publicas de 1877 a 1879, foi Mossamedes dotada de um melhoramento que de ha muito reclamava — uma ponte-caes.

Logo que se recebeu o material d'esta ponte, deu-se principio á sua montagem em maio de 1880, sob a direcção do conductor de 1.ª classe, D. José da Camara Leme; e, concluidos os trabalhos em 1881, realizou-se a inauguração a 24 d'agosto, por ser o trigesimo segundo anniversario da chegada da primeira colonia a Mossamedes, estando presentes o governador, camara municipal e grande numero de habitantes.

A ponte-caes, que é de ferro, está construida sobre columnas e travessões que sustentam o taboleiro de madeira sobre que assentam os *rails* ou linhas por onde correm os vagons empregados na conducção das mercadorias, desde os guindastes, movidos a braço, até a Alfandega.

Sobre uma base de alvenaria, em que começa a ponte, está edificado um elegante chalet com corpos lateraes que servem para casa da guarda e repartição dos serviços maritimos.

A ponte é illuminada a petroleo por seis candieiros, tendo os dois do extremo da ponte vidros vermelhos e verdes, para servirem de guia em noites escuras.

O custo de toda esta obra, incluindo os accessorios de serviço, orçou por 26:000$000 réis.

Devido á accumulação de areias junto da ponte, a escada de serviço do lado do mar está quasi toda soterrada, o que torna difficil, nas vasantes, a atracação dos escaleres ou dos barcos.

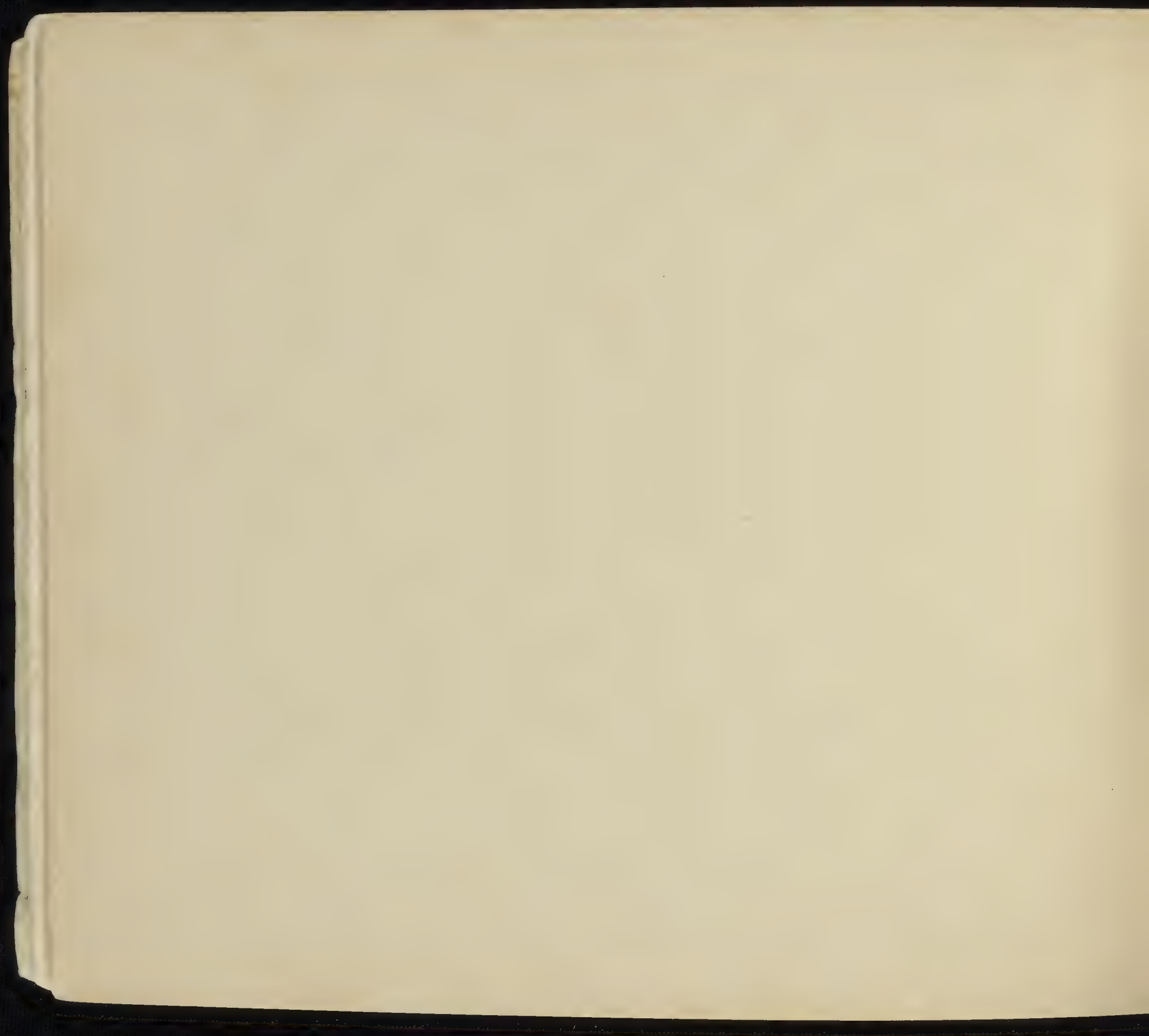
A edificação da egreja de Mossamedes teve principio em 1849, segundo se deprehende das primeiras palavras da acta da inauguração dos trabalhos, as quaes transcrevemos: «Aos 27 dias do mez de julho de 1849, Estabelecimento de Mossamedes, rua de S. Fernando, foi lançada a primeira pedra para a edificação de uma egreja com a invocação de Santo Adrião, etc.»; empregando-se na construcção grande numero de colonos e pretos, deprehendendo-se de alguns documentos que se concluiu antes de 1856.

As paredes da egreja são de pedra e cal, e o tecto coberto de telha. É espaçosa, e o pavimento lageado. Da teia para a capella mór o pavimento está tapetado. Tem duas capellas lateraes, côro e duas torres, das quaes uma tem quatro sinos. Junto á egreja está a casa da residencia do parocho e do sacristão.

É muito pobre de alfaias. A maior festividade religiosa, que alli se celebra todos os annos é no dia 4 de agosto, anniversario e commemoracão do desembarque da primeira colonia.

PONTE CAES

(MOSSAMEDES)

EGREJA DE SANTO ADRIÃO
(MOSSAMEDES)

PALACIO E FORTALEZA

O palacio em construcção deve servir de residencia ao governador do districto; está, como já dissemos, situado a oeste da villa na collina que se eleva uns vinte metros acima do nivel do mar.

A sua fachada é dividida em tres corpos, sendo o central encimado por um frontão triangular no meio do qual serão assentes as quinas portuguezas; medindo os tres corpos $40^{m},80$ por $12^{m},6$ de altura até a cimalha, de ordem jonica e sem decoração, que corre ao longo de todo o edificio.

O corpo central tem tres janellas de sacada, com varanda em curva. A porta principal tem $1^{m},80$ de largo por $3^{m},60$ de alto, e as janellas de sacada $1^{m},50$ por 3 de alto. As bandeiras das portas e janellas são semi-circulares. Em cada um dos corpos lateraes ha 4 janellas de varanda no primeiro andar, e 3 de peitoril e uma porta em cada extremo do rez do chão.

Os quatro lados do edificio têem ao todo 40 janellas, sendo 11 de sacada e 29 de peito, e 10 portas, das quaes 7 deitam para o projectado jardim.

O telhado é dividido ao meio, no sentido da fachada, por um terraço de 2 metros de largura, feito de *beton* agglomerado, para o qual convergem as aguas das duas abas interiores do telhado; ao meio do terraço e interrompendo-o, eleva-se um mirante de 3 metros de altura com uma superficie de 55 metros quadrados, e que ha de ser gradeado em volta e ter ao centro uma clara-boia envidraçada de $3^{m},30$ de alto, em fórma de prisma octogonal terminado por uma pyramide. En-

trando no vestibulo ficavam em frente 3 arcos com columnas da ordem dorica, tendo o arco central 2 metros de largura por 4 de alto, e os lateraes $1^m,20$ por $2^m,40$. Estes dois, que são envidraçados, e o do centro dá accesso á escada, que tem um lanço central e dois lateraes fórmam na projecção uma elypse. A escada é de madeira de S. Thomé, polida e de tres côres differentes.

O rez do chão e o primeiro andar estão divididos em dez compartimentos cada um, destinados a servirem para repartições publicas.

Os trabalhos começaram em 1858 por ordem do governador Fernando Leal; continuando mais tarde segundo um risco de Lapa e Faro, risco que tem soffrido varias modificações. E depois de uma interrupção de muitos annos, recomeçaram em 1886, devendo estar concluidos em 1889. A despeza feita, até hoje é calculada em 80:000$000 de réis.

∴

A fortaleza de S. Fernando está situada no planalto que domina a villa. Tem uma bateria com vinte e uma boccas de fogo de differentes calibres e tres peças de montanha de bronze raiado.

Esta bateria, denominada de Pedro V, foi começada em 6 de maio e concluida em 16 de setembro de 1854 por dois operarios portuguezes, segundo a inscripção que se vê na muralha.

Os edificios alli existentes são todos modernos. Casernas para quatro companhias; cozinha, prisão calabouço, secretaria, e paiol, que serve para guardar a polvora do Estado e a dos particulares.

PALACIO DO GOVERNADOR
(MOSSAMEDES)

FORTALEZA DE SAN FERNANDO

(MOSSAMEDES)

EMBARQUE DE GADO — GRUPO DE PESCADORES

A exportação de bois para Loanda, Zaire, Gabão, S. Thomé e outros pontos da costa occidental, é sem duvida o principal commercio de Mossamedes; e a creação de gado vaccum a maior riqueza do districto, regulando por 13:000 réis o preço médio de cada cabeça, para exportação.

O desenvolvimento progressivo da população europea na costa do norte tem tambem augmentado as exportações, que attingiriam um movimento extraordinario, se um caminho de ferro, atravessando a vasta região que se estende do litoral ao Cunene ou Cabango, tornasse os meios de conducção mais faceis, e fôsse abrir novos mercados. A falta de agua e de pastagens nos arredores obsta a que se conservem e engordem grandes manadas; de sorte que os exportadores recebem o gado dos seus *aviados* (negociantes fornecedores), que no interior o compram ao gentio a troco de fazendas.

***

O embarque de gado em Mossamedes é difficil e barbaro por falta de embarcações apropridas. Os bois são conduzidos de manhã á praia. Um cabo de vae-vem é passado da embarcação, que os ha de conduzir, á chata (barco de fundo chato) que serve de transporte, e d'esta á praia; a ponta de um outro cabo é lançada da chata para a praia, e a elle é amarrado o animal. Depois puxa-se o gado para o mar e obriga-se a saltar á agua e nadar até á chata, onde é preso pela

soga aos bancos ou argolas fixas na borda da chata, ficando com o corpo dentro de agua e só com a cabeça de fóra, e d'este modo conduzidos e içados para bordo.

Devido á pratica dos pretos este serviço, faz-se com bastante rapidez. Em oito horas podem carregar-se setenta a oitenta bois. Quando o embarque é feito em vapores fundeados longe da praia, são içados nos guindastes da ponte-caes para as lanchas que os conduzem a bordo.

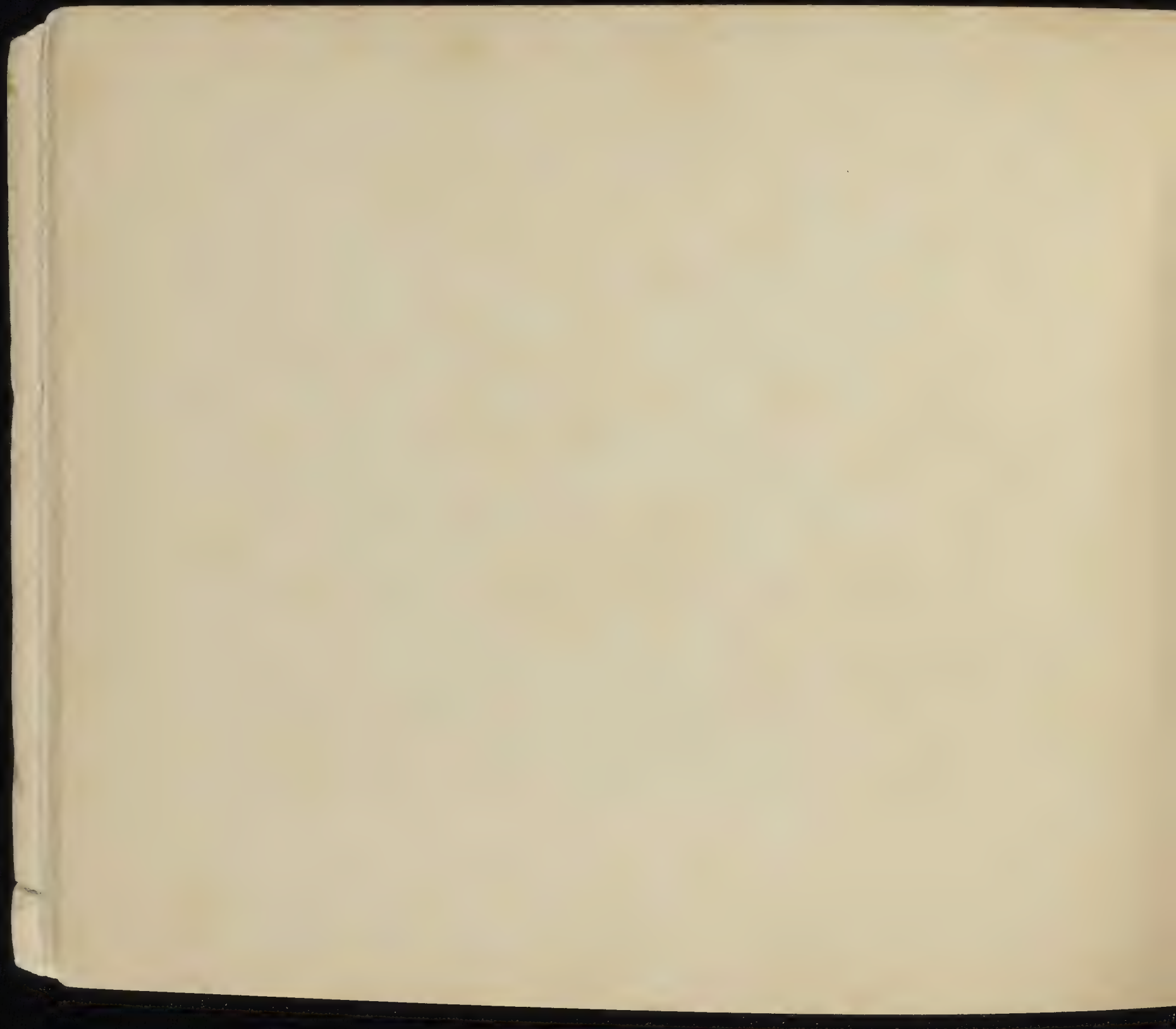
* *

Toda a costa sul, e especialmente a bahia de Mossamedes, é abundante de peixe, como pungo, corvina, choupa, tainhas, etc. É grande o numero de pessoas que vivem da pesca, que é feita, em geral, com redes de 100 braças.

Na épocha dos pungos, peixe que pesa, termo médio, 25 a 30 kilogrammas, ha lances em que se colhem duzentos a tresentos pungos. A pesca é feita sempre de noite, e de preferencia em noites escuras.

Colhidas as redes, começam os pretos logo de manhã na praia a amanhar o peixe e o que não poderam vender, conduzido para casa, onde é salgado e estendido em *geraús* (grades collocadas a uma certa altura do chão) para seccar; depois atam-o em volumes de 30 kilogrammas e envolvem-o em esteiras. A cada volume chama-se *mala de peixe,* e é em *malas* que o exportam para diversos logares. Ha annos em que a exportação vae além de 60:000 arrobas. O preço médio da arroba regula a 600 réis, excepto a de tainha que é mais cara.

EMBARQUE DE GADO

(MOSSAMEDES)

GRUPO DE PESCADORES

(MOSSAMEDES)

MARGEM DO RIO COROQUE

A extensão que se percorre de Mossamedes ao Coroque é plana e muito arida; apenas de longe a longe se descobrem algumas piteiras e arbustos rachiticos.

Os effeitos de miragem, n'esta extensão approximada de 60 kilometros, são surprehendentes. O viajante que a atravessa avista ao longe lagos de limpidas aguas, onde se reflectem bosques de frondosa vegetação, e tudo tão nitido e tão perfeito como se realmente existissem.

É agradavel ao viajante, após doze ou quatorze horas de viagem de tipoia atravez aquelle deserto, avistar o valle com as suas lagoas espelhentas, das quaes a maior tem 6 a 7 kilometros, as extensas plantações de algodão, milho, mandioca e os cerrados cannaviaes, e ao fundo, como limitando o horisonte, uma cadeia de outeiros de aspecto phantastico de uma côr monotona e desagradavel. As propriedades mais importantes do valle do Coroque são a de S. João do Sul, pertencente a João Duarte de Almeida, e S. Bento do Sul, de Figueiredo & Irmão. A principal producção de todas é o algodão. O cará, milho, feijão, etc., servem para a alimentação dos serviçaes, conjuntamente com o peixe sêcco que vae de porto Alexandre.

O leito do rio Coroque, todo de areia, é largo e chega a attingir no tempo das chuvas 2 kilometros e mais de largura em alguns logares; mas, como as chuvas são raras, a maior parte do anno está completamente sêcco, sendo as plantações regadas com agua das lagoas.

As arvores são raras n'estas regiões, havendo, todavia, algumas pastagens.

O paiz é cortado por numerosas collinas que se elevam obliquamente, chegando algumas a medir 100 metros e mais de altura, e cujo solo é, no geral, formado de saibro e areia, ligada com barro, e de grande quantidade de conchas. É pouco consistente na sua camada superficial.

O leão, o tigre e a onça passeiam com frequencia por estes logares. Ha caça grande e miuda como quillengues, zebras, cabras, etc; e patos, perdizes, gallinholas africanas, etc.

* * *

O — *Morro dos Cubaes* — é o extremo de uma das collinas mais elevadas d'esta região. Pela photographia melhor do que pela descripção, se poderá avaliar da conformação dos terrenos.

A outra photographia — *O arco* — é a ponta de uma collina que fórma parte da margem da lagoa Prande, talhada em curvas sinuosas, prodigiosamente recortadas, que obrigam o viajante a percorrer meia duzia de kilometros para alcançar um ponto que lhe fica a 800 ou a 1:000 metros em linha recta.

A ponta da collina é aberta, como se vê na photographia, em dois arcos, o mais alto dos quaes mede 12 metros de largo por 8 a 10 de alto, com uma espessura de 6 a 8 metros. É maravilhoso como se conserva aquella abobada abatida, ha centenas ou talvez milhares de annos, indifferente a todas as convulsões terrestres, e bellissimo o effeito que produz á vista um tal capricho da natureza!

O ARCO
(MARGENS DO RIO COROQUE)

MORRO DOS CUBZES

VIAGEM AO INTERIOR

Devido á carencia, quasi absoluta, de estradas ou de caminhos transitaveis para pôr em pratica os systemas de locomoção europea, uma viagem ao interior só póde ser feita em carro de bois, a cavallo ou em tipoia, meio este geralmente preferido por ser menos incommodo e vagaroso.

Como as viagens em tipoia são mais preferidas, ha, quasi sempre, difficuldade em arranjar carregadores; tornando-se por isso necessario encommendal-os com grande antecedencia para a Biballa, Campangombe ou mesmo para Huilla. No Coroque tambem se obtêem bons carregadores.

Os *mundombes* ou *mucoroques,* habituados ás viagens e á convivencia dos brancos (portuguezes), fallam todos, melhor ou peor, a lingua de branco (portuguez), o que agrada ao viajante.

Esta classe de carregadores é fraca mas ligeira. Conduzem pequenas cargas, de 30 kilogrammas o maximo; tendo, porém, de acompanhar a tipoia com bagagens, não levam mais de 15 kilogrammas. São exigentes e abusam excessivamente do viajante inexperiente, que não lhes conhece os habitos e as manhas, ou que imagina, fazendo-lhes todas as vontades, ser mais bem servido. Engano: porque, quanto mais se lhes faz, mais querem; não melhorando por essa rasão o serviço.

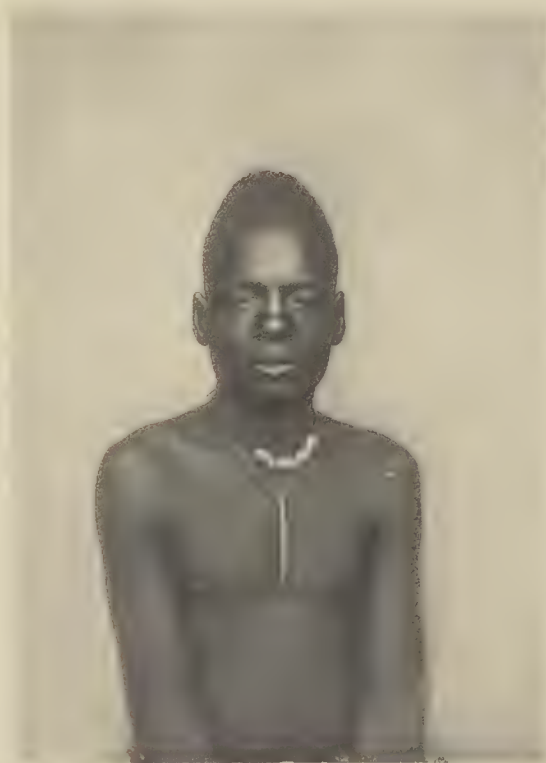
Para uma viagem em tipoia são indispensaveis seis carregadores: um para levar o *matolotagem* (rancho para a viagem), outro para conduzir o sacco com a farinha, o peixe secco e a panella em que

elles cozinham o *pirão,* e os restantes para levar a tipoia e a bagagem. Entregue a farinha e o peixe preciso para elles se alimentarem durante cinco ou seis dias, e distribuida a indispensavel dóse de aguardente, põem-se a caminho cantando alegremente...

Partindo das Hortas, d'onde segue uma ladeira de declive suave, do cimo da qual se avista a bahia e villa de Mossamedes, e lançando um olhar de despedida ao mar azul que se esbate ao longe no azulado horisonte, segue-se por um caminho plano, barrento e arenoso, através de um campo triste e silencioso, e onde se não vê a mais pequena herva ou o arbusto mais rachitico. O caminho é apenas indicado pelo trilho dos carros ou pelas pégadas dos viajantes. Esta monotonia dura tres horas, ao fim das quaes começa a descida para o valle do Giraúl, que é um extenso areal, leito do rio quando chove, o que é raras vezes.

O valle do Giraúl é uma estação de descanço: alli se almoça e espera que passe o maior calor, quando chegados cedo, ou se janta e pernoita, quando se chega tarde.

Do outro lado do valle ha uma grande subida por uma estrada de macadam, construida em 1881 em substituição de uma que existia bastante estragada e de difficil passagem para carros. É uma estrada bem construida, cortada na encosta da montanha com tres viaductos, sendo um importante pela altura. Chegando ao cimo, o caminho continúa pouco accidentado; e em alguns logares o terreno é coberto de pedra solta, por entre a qual apparece um matto rachitico. A 10 milhas do Giraúl descança-se na «*Pedra do major*», grande penedo com uma cavidade que serve de abrigo ao viajante. A estrada tem quasi o mesmo aspecto; á distancia de 15 milhas encontra-se a *Pedra Grande.*

MUNDOMBE CAZADO

MUNDOMBE SOLTEIRO

O QUIPOLLA — HORTAS

A uns 4 kilometros da villa de Mossamedes, nas margens do rio Béro, ficam as Hortas, logar aprazivel e coberto de vegetação. Proximo da Aguada, logarejo insignificante, formado de meia duzia de casas e de uma sanzalla indigena, está edificada a habitação do Dr. Lapa e Faro, que é deveras magnifica, e mostra o que póde o bom gosto alliado a uma illustração capaz de supprir a carencia de recursos naturaes em logares ás vezes bastante ingratos aos esforços do homem.

A habitação e dependencias que constituem a residencia do Dr. Lapa e Faro são em todo o seu conjuncto de uma belleza surprehendente: dois chalets de fórmas caprichosas para habitação; uma pequena capella, e um jardim com alegretes de flores; caramachões formados de trepadeiras variadas; lagos, cascatas, estatuas, vasos; tudo disposto com elegancia e bom gosto, e que contrasta sobremodo com o areal que lhe fica contiguo. A pequena distancia da residencia do Dr. Faro começam as propriedades da Quipolla, atravessadas pela estrada marginada de arbustos, matto e capin, formando cercado.

Muitas ruas transversaes, arborisadas, atravessam as quintas, conduzindo de umas ás outras.

A principal industria das Hortas é o fabrico da aguardente, para o que ha extensas plantações de canna saccharina, machinas de moagem movidas a vapor, e alambiques.

Como o rio só leva agua das chuvas, que são raras e irregularissimas, pois passam-se ás vezes

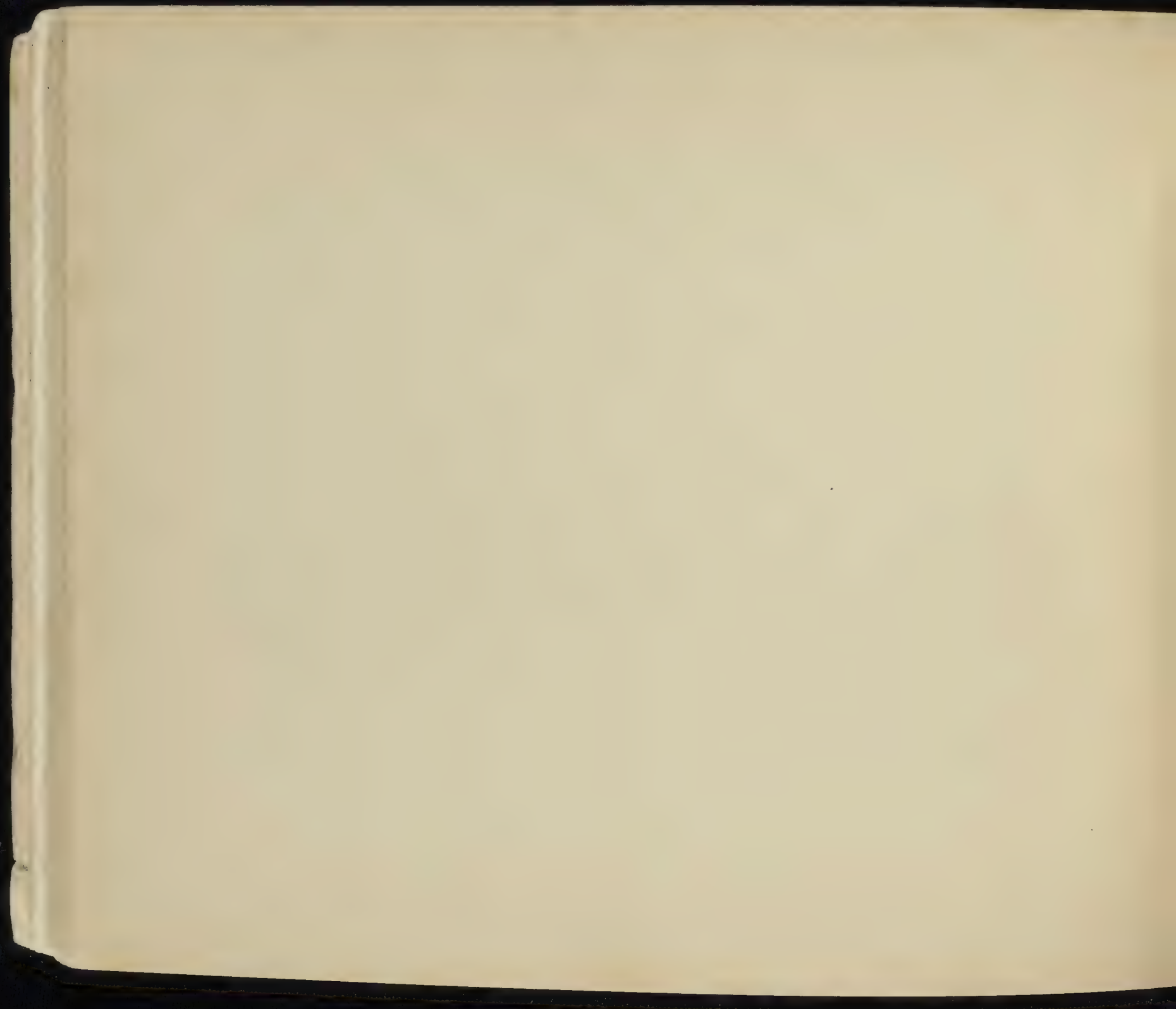
tres e quatro annos sem cahir uma gota de agua, os agricultores vêem-se obrigados a abrir grandes vallas para irem buscar agua aos logares mais altos do leito do rio, cavando na areia; alguns, porém, preferem abrir poços e tirar a agua com bombas movidas a gado ou a vapor, segundo os meios de que podem dispor. Devido á falta de combustivel proprio, as caldeiras das machinas a vapor são aquecidas com bagaço e restos de canna, depois de espremida nos cylindros.

Alem das plantações de canna ha muitas arvores de fructo, tanto indigenas como europeas : a laranjeira, o pecegueiro, a figueira, a pereira, a macieira, etc., que formam vistosos pomares. As oliveiras desenvolvem-se rapidamente, produzindo azeite logo no quarto anno da plantação; e as vinhas de bacello dão-se bem, havendo comtudo pouca variedade.

Os campos, convenientemente amanhados á europea, produzem excellentes hortalliças e legumes, em uma abundancia compensadora de todos os trabalhos.

Outros mais terrenos d'esta região se acham aproveitados e cultivados. Tornam-se dignos de menção os Cavalleiros, quintas iguaes ás das Hortas, tanto em plantações como em producção.

Do lado do mar ha umas sallinas em construcção, que promettem ser importantes. Uma das photographias mostra parte da estrada que atravessa as quintas, e a outra a parte mais povoada. As casas, que são todas construidas de adobes de uma côr escura, confundem-se com a vegetação, por entre a qual alveja uma outra casa branca de apparencia alegre.

VISTA GERAL DAS HORTAS

UMA ESTRADA DAS HORTAS

PEDRA GRANDE E PROVIDENCIA

A Pedra Grande fica entre Mossamedes e a serra da Chella, quasi a meio caminho. É um enorme bloco de granito com uma superficie superior a 1:000 metros quadrados, elevando-se ao centro uns 10 metros acima do terreno em que assenta. Grandes cavidades feitas pela natureza, com as fendas cimentadas pela mão do homem, formam depositos onde se conservam alguns milhares de pipas de agua da chuva durante alguns annos. Os carregadores, que enchem as suas cabaças á sahida das Hortas ou do Giraúl, quando alli ha agua, o que não succede sempre, renovam n'estes grandes depositos a sua provisão de agua. Alguns muros baixos, feitos por ordem do governo, servem para guiar as torrentes de agua, quando chove, para os poços, a fim de se aproveitar a maior quantidade possivel.

No logar da Pedra Grande, como se vê na photographia, existe uma casa com tres compartimentos para os viajantes e accommodações para o commandante de um pequeno destacamento, que alli habita da guarnição de Mossamedes. Adjunto á casa está um curral que serve para fechar o gado vindo do interior, evitando assim os ataques dos leões que abundam n'estas paragens.

Os pretos, conforme o seu costume, fazem uma fogueira e deitam-se em volta. Dispensam habitações.

A casa, que é construida de pedra e adobe e coberta de zinco, foi edificada á custa do commendador M. J. Alves Bastos, e importou em 2:000$000 réis aproximadamente. O curral, que

importou em 400$000 réis, foi edificado com o producto de uma subscripção publica. A partir da Pedra Grande, a estrada continúa plana e de subida gradual, porém, tortuosa por ter de contornar enormes montões de pedras que se encontram continuadamente. O matto vae-se tornando mais unido e robusto, e a pequena distancia encontra-se a Pedra da Providencia.

* * *

Muitos colonos vindos de Pernambuco, desejando encontrar terrenos mais ferteis, dirigiram-se para o interior, levando por guias alguns pretos. Iam com destino ao Bumbo: fugindo, porém, os guias, ficaram perdidos no arido deserto que fórma a primeira parte do caminho que conduz de Mossamedes á Chella. Aquecidos pelos ardentes raios do sol, sem encontrarem na extensão de muitas milhas uma arvore a cuja sombra se podessem abrigar; quasi sem alimento e morrendo de sêde, pois não encontravam agua, assim vaguearam alguns dias, morrendo muitos pelo caminho. Os restantes, já desanimados e estenuados, encontraram finalmente agua nas cavidades de uma pedra a que puzeram o nome que ainda hoje conserva de Pedra da Providencia, valendo-lhes tal achado o poderem proseguir na sua jornada.

Os depositos tanques d'estas pedras são menores do que os da Pedra Grande e não conservam a agua por tanto tempo. A vegetação n'este logar é rachitica ainda.

As photographias Pedra Grande e Pedra da Providencia dão bem a idéa d'estes terrenos.

PEDRA GRANDE

PEDRA DA PROVIDENCIA

MUNHINO

A distancia que separa a Pedra Grande do Munhino anda por 12 a 15 milhas, sendo o caminho sempre plano, embora contorne montanhas que gradualmente se vão unindo para formar a serra da Chella. A nascente do Munhino, nome indigena que quer dizer—*ter sempre muita agua,* encontra-se n'este precurso. Todavia, ou por falta de exploração ou por outra qualquer circumstancia, a pouca agua, que os pretos vão alli buscar, é turva e má.

O leito do rio Bunhino é largo e todo de areia. No tempo da secca, para encontrar agua é necessario cavar a certa profundidade, encontrando-se então agua que é boa e grata ao paladar.

O valle do Munhino segue n'uma grande extensão com uma largura aproximadamente de 10 milhas. A paizagem vae-se tornando menos selvagem, e portanto mais agradavel á vista. Grandes plantações de canna saccharina, milho e cará, e arvores mais frondosas, sombream os campos attenuando o calor dos raios solares, que são mais quentes á medida que nos aproximamos da Chella. Muitas propriedades agricolas, cuja principal producção é a canna para o fabrico da aguardente, e o algodão, attestam soberanamente que a mão e a actividade consciente do homem têm sabido tirar proveito das boas condições do solo. O gado, por qualquer circumstancia climaterica não obstante as abundantes pastagens, não se dá tão bem como no planalto.

Casas disseminadas pelo valle offerecem confortavel abrigo aos viajantes.

TYPOS MUNDOMBES

Os mundombes habitam as abas da serra da Chella e a sua parte baixa.

O grupo que apresentamos — um exemplar de individuos dos dois sexos — casados e solteiros, e na sua *toilette* usual, attestam os costumes do gentio do interior e a sua quasi uniformidade. Umas pequenas cousas servem para os distinguir; e, entre os da mesma tribu, um panno ou pelle e o córte do cabello, lhes determina o estado.

As mulheres usam grandes enfiadas de contas (missanga) em volta do pescoço e dos rins, e argolas de metal ou de vime nos braços e pernas.

As donzellas distinguem-se pelo penteado em tranças, que é substituido pela pelle de carneiro, quando casam. Os homens trajam sempre do mesmo modo. Os solteiros conhecem-se por usarem o cabello cortado em fórma de barrete, posto no alto da cabeça. Só depois de casarem deixam crescer a carapinha. O panno branco, que um dos typos do grupo apresenta em volta da cabeça, é um *milong* (remedio) para tirar as dôres de cabeça. Todos, sem distincção, andam untados com gordura de vacca, e nunca se lavam; por onde póde avaliar-se o desagradavel cheiro que devem exhalar.

Desconhecem ainda os principios mais rudimentares da hygiene, e difficil será convencel-os da limpeza e suas vantagens. Parece que a immundicie os avigora e os torna impremeaveis.

MARGENS DO RIO MUNHINO

TYPOS MUNDOMBES

BIBALLA

A medida que o viajante se vae approximando da Chella, o caminho torna-se mais accidentado e pedregoso. Aqui e acolá apparecem já pequenos regatos de crystallinas aguas, que serpenteiam pelos caminhos até se perderem nos areaes.

A vegetação é já mais abundante e contrasta tambem com a abundancia de penedos, por toda a parte, que são como que os pontos de ligação das montanhas que formam a serra da Chella.

Avançando mais a linha do horisonte encurta-se, fechando-a em toda a volta as cristas recortadas das montanhas. A Chamulundo, entre a Biballa e Campangombe, eleva-se a uma altura prodigiosa, e é coroado por uma pyramide de pedra, similhando um dedo gigantesco em acção de apontar para o céo.

A distancia entre o Munhino e a Biballa é de 25 milhas proximamente.

O valle da Biballa, a uma altitude que regula entre 600 a 700 metros acima do nivel do mar, é fertil e regado por pequenos rios que nascem na encosta da Chella. Tem muitas milhas de extenção, mas apenas uma pequena parte está cultivada.

As duas propriedades mais importantes pertencem ao casal de Antonio da Costa Campos e a Nestor José da Costa. Têem grandes plantacões de algodão; e, desde ha poucos annos, plantações de canna saccharina, que produz bem, especialmente a chamada *cayena* e a *creoula*. Dando esta a

garapa com gráu mais elevado, é-lhe todavia preferivel a cayena por ser mais robusta e resistir melhor tanto á falta como ao excesso de agua.

A primeira d'estas fazendas tem um engenho, movido a agua, para moagem; o segundo, um movido a gado, e os alambiques correspondentes.

O preço da aguardente regula por 70$000 réis a pipa de 130 galões. Como o consumo na Biballa é diminuto, é exportada para a serra, para o Lubango, Huilla, etc., regulando o frete entre 15$000 e 20$000 réis a pipa.

O café da Biballa, considerado de superior qualidade, tem-se perdido quasi todo em virtude da molestia que tem atacado os cafezeiros, a qual dizem ser produzida por um bicho que ataca e fura o tronco do arbusto, junto á raiz. A cultura do café, que podia rivalisar com as de Casengo e S. Thomé, está prestes a desapparecer, por não ter sido possivel encontrar um remedio para combater tal molestia.

As plantações de cará, de milho e alguma mandioca servem para alimentação dos serviçaes.

PAISAGEM NA BIBALLA

VALLE DA BIBALLA

CAPANGOMBE

A 12 ou 15 milhas do Munhino, e n'uma altitude de 600 metros pouco mais ou menos, fica Capangombe, residencia do chefe do concelho de Bumbo.

Capangombe tem apenas uma casa commercial de alguma importancia, e uma fortaleza construida ha dezoito annos, a qual custou uns 12:000$000 réis. A fortaleza tem a fórma de um quadrado de 100 metros por lado, com muralhas de 4^{m}, 5 de altura, construidas de pedra e barro, porém muito grossas.

Dentro ficam as casernas do quartel com capacidade para mais de duzentas praças, a casa para o chefe, aposentos para os officiaes e empregados do estado que por alli passam; um grande paiol, algumas peças e um obuz, que todas se acham desmontadas.

Apesar da importancia do logar e das accommodações do quartel, apenas alli existe um destacamento que varia entre quinze e trinta praças!

Os primeiros colonos que se dirigiram para esta região, estabeleceram-se no Bumbo, logar mais proximo da serra e a 6 milhas de Capangombe, e que mais tarde foi abandonado, restando alli hoje uma propriedade agricola apenas.

Não obstante a mudança da séde do concelho para Capangombe, ficou este com o primitivo nome de Concelho do Bumbo, cuja area é de 32:000 kilometros quadrados approximadamente, occupando a parte baixa da serra n'uma extensão superior a 30 milhas.

A população do concelho, segundo uma estatistica recente, de 1886, á qual, na parte que diz respeito aos pretos se não póde dar grande credito, é de vinte e sete brancos, quarenta pardos e oito mil cento e dez pretos...

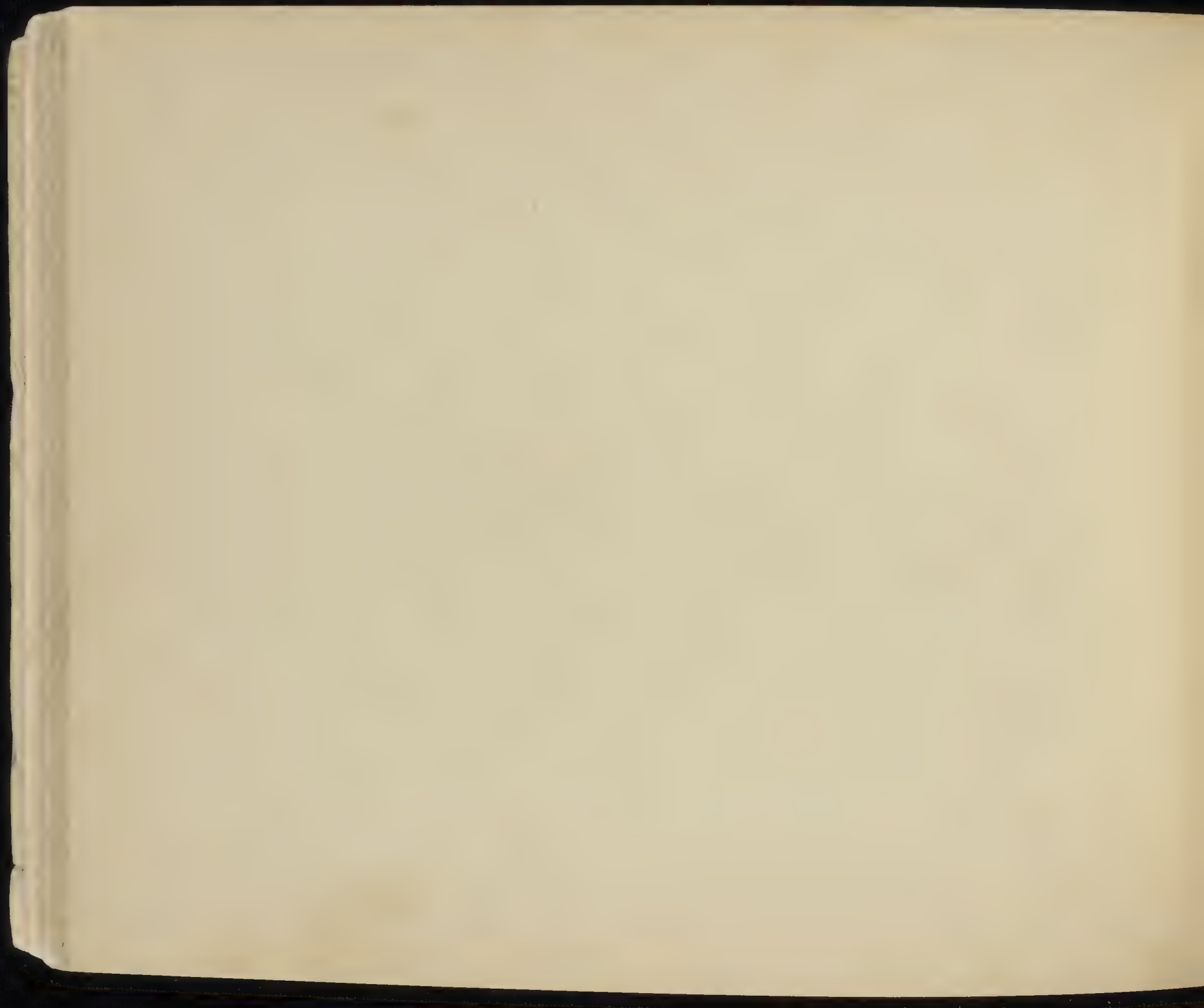
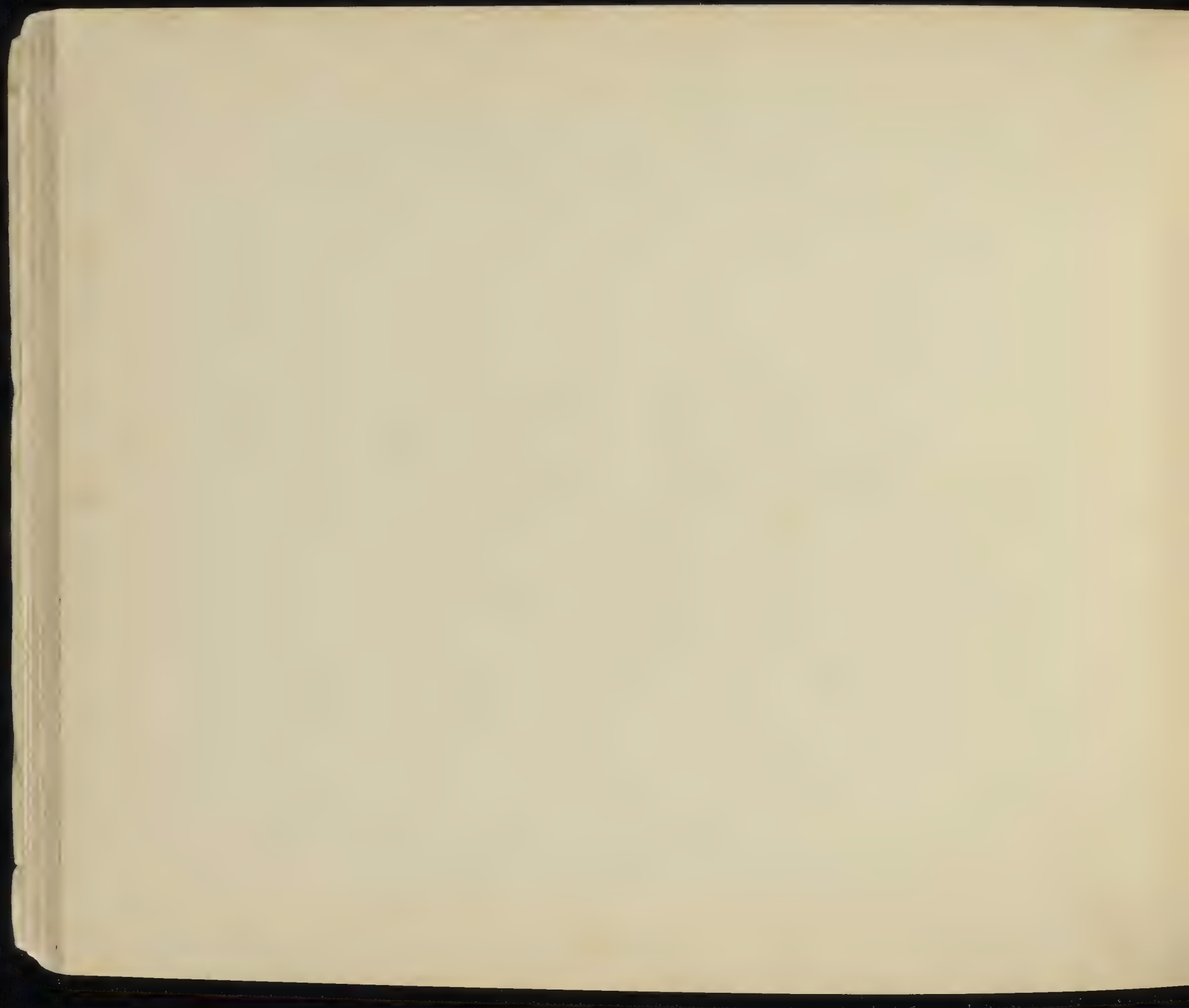
O provavel limitado numero de brancos será devido ao clima que, por excessivamente quente, é muito doentio. O thermometro marca, excepto na época do cacimbo, 40 graus centigrados com pequenas variantes.

Ha no concelho bastantes propriedades agricolas, sendo as principaes Santo Antonio, Canime, S. Paulo, Maconge ou Nova Fé, Tampa, Santa Clara, Gratidão, Santa Margarida, Bumbo e Floresta de Bruco, já n'uma quebrada da serra, que dá passagem para o planalto.

Produzem muito algodão, algum café, canna, cará, milho, feijão, etc. A laranja e ananazes são considerados de superior qualidade.

*
* *

O gentio de Capangombe pouco ou nada differe do typo mundombe. Os homens solteiros usam um barrete formado pelo cabello, porém mais estreito; e as mulheres, em logar de tranças, fazem uns *bandós* ao lado, tosqueando o alto da cabeça. Em todo o caso tambem prevalece entre elles o capricho, fazendo *moda* nos penteados, e chegando alguns a parodiar o chinó europeu.

CAPANGOMBE

TYPOS DIVERSOS

COLONIA SÁ DA BANDEIRA

Vista Geral — (Rua Principal)

O logar escolhido para o estabelecimento da colonia Sá da Bandeira, o Libertador dos Negros, é uma extensa collina com uma superficie de mais de 1:000 hectares, elevando-se uns 30 metros acima das varzeas que a circumdam. Occupa o centro da grande bacia do Lubango, que fica a uns 1:810 metros de altitude acima do nivel do mar, e ao qual o gentio denomina *Cacondo.*

A collina, de fórma elliptica, é banhada ao norte e leste pelo rio Mapunda, ao sul pelo rio Macufé, e a oeste pelo Lubango. Todos estes rios são pequenos, mas conservam agua mesmo no tempo da estiagem, e, reunidos, formam o rio Caculovar, que vae desaguar na Itamballa ou Lagoa dos Cavallos Marinhos.

A bacia é formada pelas serras do Mucoto e Cangolla a oeste e sul, e pelas do Carueque, Ngombe e seus contrafortes ao norte. Completamente aberta a leste, é d'este quadrante d'onde predominam os *ventos reinantes,* durante todo o anno.

Os terrenos do Lubango, como os de quasi todo o planalto, são em geral mais fracos que os da zona baixa, e compostos na sua maior parte de argilla.

A povoação, edificada no extremo leste da collina, tem a fórma de um rectangulo, e está dividida em quarteirões de 100 metros cada um. É atravessada por quatro ruas de 15 metros de largura, no sentido longitudinal, e por cinco da mesma largura, em sentido transversal. Tem ao centro

uma praça que mede 130 metros por 215, e nos angulos da mesma estão os edificios do governo, um já definitivamente concluido, que serve para secretaria e residencia do director da colonia, e os outros provisorios como são a capella, a escola, a residencia do medico, etc.

Fóra da povoação e em logar conveniente deve ficar o hospital, a cadeia, cemiterio, quartel e paiol. A levada, atravessando a povoação no seu maior comprimento, e passando pelo centro da praça, fornece agua para todos os quarteirões, e em quantidade tal que chega para os usos domesticos e para a rega dos terrenos em época de estiagem.

A povoação está dividida em dois bairros distinctos — alto e baixo, separados por um terreno ainda por arrotear, e que, provavelmente, só o virá a ser com a chegada de novos colonos.

Uma das photographias dá a vista geral da povoação, bairro baixo, tirada da rua central, com os casaes desseminados aqui e além, por entre campos semeados de trigo, milho e batata formando pequenos *arimos* (quintas), d'onde os seus proprietarios tiram abundante alimentação. Ao longe vê-se alvejar a casa do director da colonia, unica que é caiada.

A outra photographia é uma parte da rua principal, á direita da qual fica a igreja provisoria, que tem o aspecto de uma cubata. Uma cortina ao centro, quando corrida, separa a capella do corpo da igreja, que serve tambem de escola.

Espera-se que brevemente sejam construidas igreja e escola proprias. A frequencia média da escola regula por oitenta alumnos de ambos os sexos.

Uma grade separa a rua das propriedades, assim como estas o são umas das outras.

VISTA GERAL

(COLONIA SÁ DA BANDEIRA)

RUA PRINCIPAL

(COLONIA SÁ DA BANDEIRA)

COLONIA SÁ DA BANDEIRA

(Casaes)

O primeiro troço de colonos madeirenses destinados á colonia Sá da Bandeira chegou ao Lubango a 19 de janeiro de 1885. Como houvessem chegado em quadra chuvosa, não lhes foi possivel installarem-se definitivamente, e com a rapidez que era para desejar. Acamparam por isso á distancia de 3 kilometros do local destinado ao seu estabelecimento, servindo-lhes de abrigo uns barracões provisorios, onde permaneceram até á conclusão dos primeiros trabalhos de installação e de interesse geral da colonia, — a construcção de uma levada na extensão de 3 kilometros, destinada á irrigação dos terrenos que haviam de ser distribuidos á communidade.

Este trabalho só ficou concluido em fins de fevereiro, por causa das chuvas que impediam por vezes o trabalho, e tambem por causa do mau estado sanitario dos colonos, o qual não podia deixar de se resentir no primeiro periodo de acclimação. Concluido o trabalho e distribuidos os terrenos, cada colono tratou de construir a sua pequena casa no terreno que lhe coube por sorte, de modo que só em maio ficaram definitivamente installados e poderam dar começo ao arroteamento dos terrenos que, apesar de ser já tarde, receberam ainda a primeira sementeira de trigo. Nos terrenos que já haviam sido cultivados pelo gentio, os trigos nasceram bem, mas nos que ainda o não haviam sido, produziram mal. Igualmente semearam milho, feijão, batata e cará (batata dôce), o que tudo produziu bem; e dentro em pouco as suas hortas abundaram em hortaliças e legumes de supe-

rior qualidade e sabor. Foram tambem plantadas ali algumas arvores de fructo, levadas da Europa.

Um segundo troço de colonos, tambem madeirenses, chegou ao Lubango a 19 de agosto do mesmo anno; reunindo-se aos que os haviam precedido, estabeleceram-se logo em melhores condições. Como fôsse preciso, porém, cultivar maior extensão de terreno, construiram uma nova levada para irrigação, indo buscar a agua á distancia de 7 kilometros, conseguindo por este meio obter a sufficiente para a rega dos terrenos altos. O governo auxiliou a emigração d'estes colonos, com passagens, subsidio, ferramentas, sementes, etc.

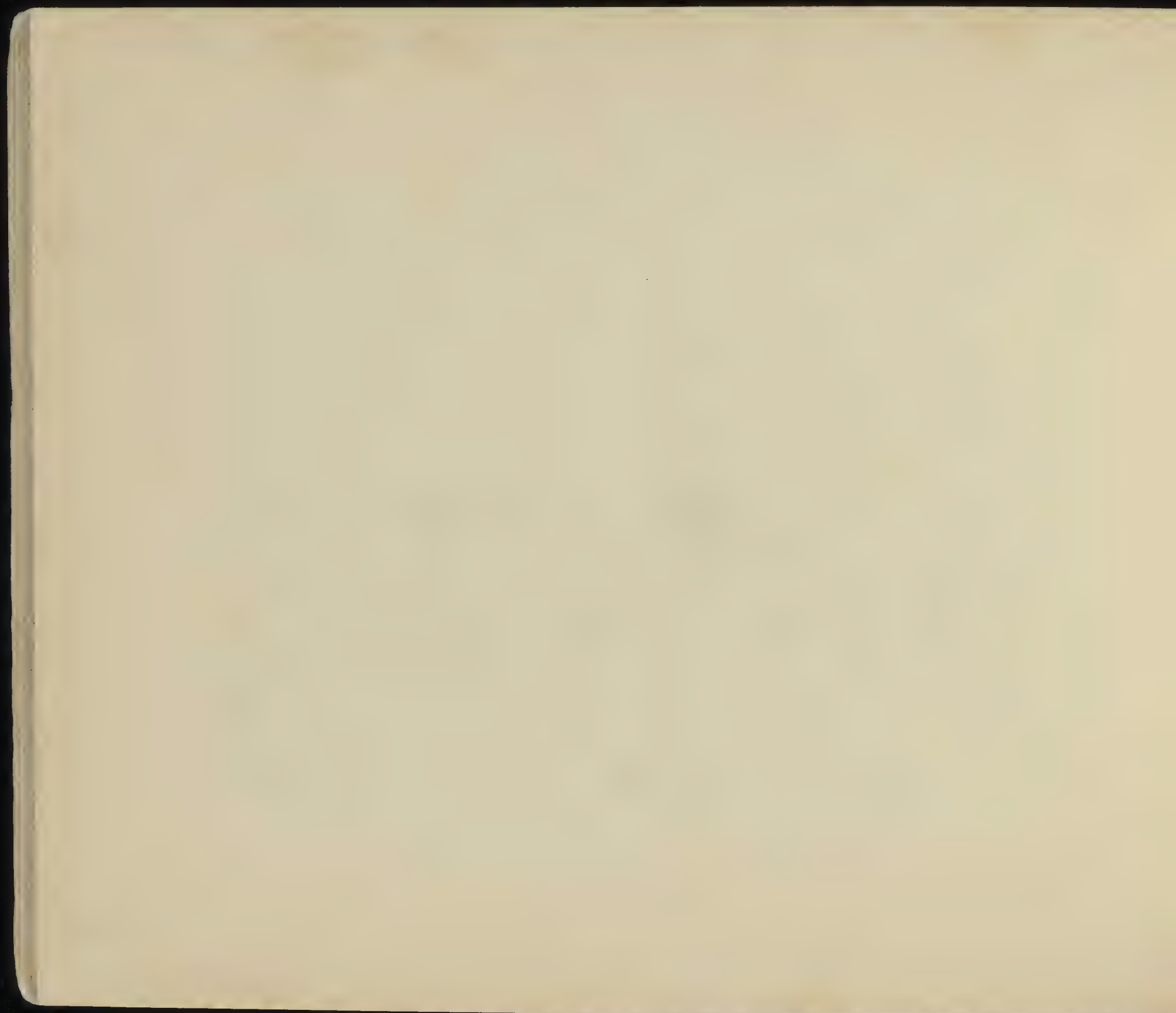
É devéras agradavel ao viajante, que parte de Mossamedes, após longos dias de viagem atravez de terrenos aridos ou incultos, de fazendas onde o trabalho é todo feito por pretos, e depois de ter subido os 1:200 metros que formam o enorme degrau da serra do Chella, avistar as primeiras casas construidas de pau a pique, rebocadas a barro e cobertas de capim, formando um tecto de cupula elevada, e as extensas e verdejantes searas e hortas. Não menos agradavel se torna o ver o aspecto saudavel das creanças e os trabalhos agricolas executados por brancos; o que tudo nos faz lembrar o lavrador de algumas provincias de Portugal, curvado sobre a rabiça do arado ou á frente dos bois, guiando um carro dos tempos primitivos, e os grupos de creanças sadias das aldeias do norte.

Mas depressa os carregadores pretos que nos acompanham vêem tirar-nos d'essa illusão, mostrando-nos a realidade da situação e a força dos seus caprichos! .

UM CAZAL E HORTA

(COLONIA SÁ DA BANDEIRA)

UM CAZAL

(COLONIA SÁ DA BANDEIRA)

COLONIA SÁ DA BANDEIRA

(Casa do Director — Colonos lavrando)

O numero de habitantes da colonia Sá da Bandeira era, no fim do primeiro semestre de 1887, de quinhentos e quarenta e trez, os quaes constituiam cento e oito familias com cêrca de dozentas creanças. Tão notavel numero de creanças attesta as boas condições hygienicas da colonia, e a boa saude e disposições dos colonos.

A proporção entre nascimentos e obitos tem sido de 5 para 1. Não é desanimador...

Na colonia ha duas casas de pedra, doze de adobe e cento e trinta e seis de pau a pique, rebocadas a barro e cobertas de capim, as quaes vão sendo substituidas por outras de tijolo e madeira, á medida que as officinas de carpinteria e as fabricas de telha e tijolo, montadas pelo governo, vão produzindo materiaes para as edificações definitivas. Ha tambem dois moinhos movidos a agua.

A producção durante o anno de 1887 foi, em numeros redondos, batata 45:000 kilogrammas, cará 75:000, feijão 3:600 litros, milho 18:000, ervilha 1:500, fava 500 e trigo 80:000.

O governo tem prestado bom auxilio á colonia desde o seu estabelecimento, e não se tem negado aos subsidios indispensaveis para o seu progresso e desenvolvimento. Calcula-se em 60:000$000 réis o despendido já, incluindo n'esta verba ordenados e algumas construcções.

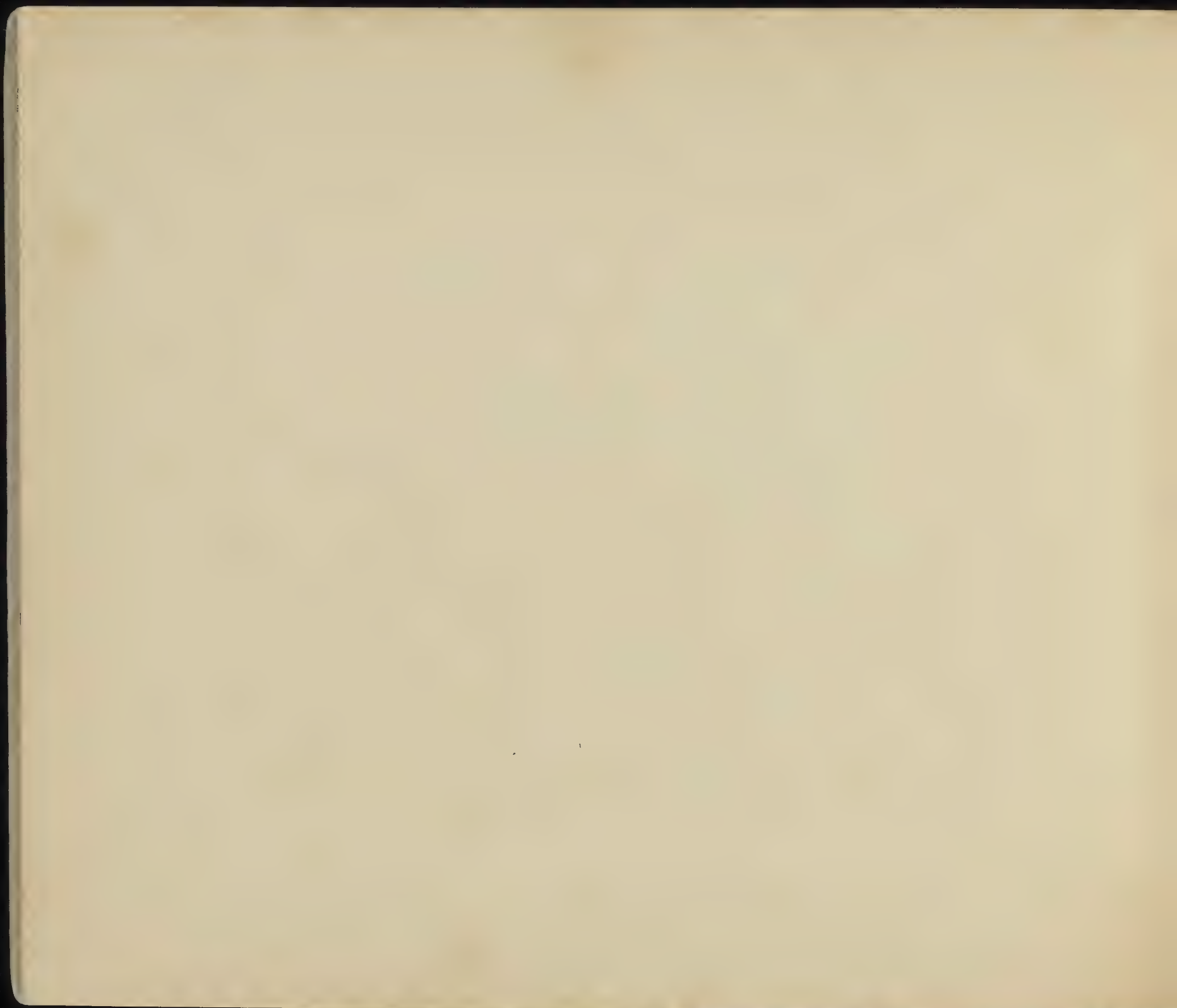
O pessoal da colonia, pago pelo governo, compõe-se de um director, um medico, um capellão, um professor, um escrivão e um apontador de obras.

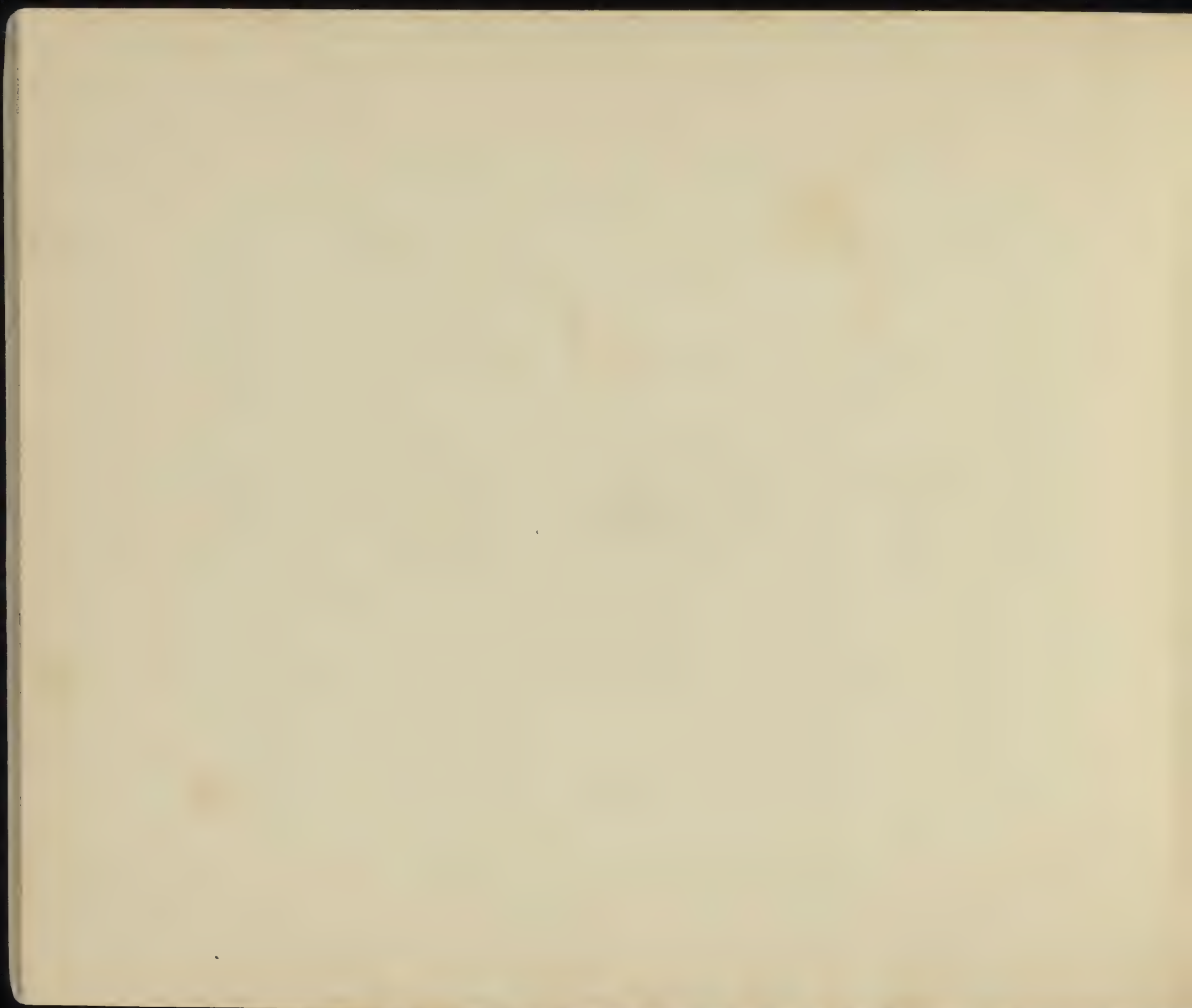
Após a installação dos colonos foi creado um conselho rural, composto do director da colonia e de quatro colonos, vogaes, o qual tem por fim resolver as questões de interesse geral da colonia e mesmo as particulares, e a arrecadação dos pequenos impostos lançados sobre as casas, gado abatido, etc.; conselho que tem sempre exercido uma acção benefica sobre o espirito dos colonos, que vivem prosperos e satisfeitos.

Como se vê da photographia, a casa da residencia do director é uma bonita vivenda, com bastantes accommodações e com esse *confortavel* que tanto se aprecia, e tão raras vezes se encontra no interior da Africa. Á frente ha uma horta e um jardim com lago. A sua construcção foi um pouco despendiosa, devido ao preço da cal, que era transportada de longe e em carros, e á falta de madeiras proprias, pois, não obstante haver extensas mattas proximo do local, as arvores, por pouco desenvolvidas e de troncos tortuosos, não se prestavam á construcção, tendo de vir do litoral, que lhe fica a uma distancia superior a 150 milhas.

A outra photographia representa uma scena de trabalho agricola, tão vulgar no continente, em Portugal. Só tem o merito de ser photographada a uma distancia superior a 4:000 milhas do nosso Portugal, e em local que ainda ha trez annos era um matto fechado com pequenas clareiras, onde o gentio semeava milho, abrindo para esse effeito buracos no solo, nos quaes lançava a semente! ou plantava uns troncos de mandioca ou raizes de cará!... Hoje, graças á força de vontade e á boa direcção, vê-se no mesmo logar uma colonia florescente e promettedora de um brilhante futuro, se acaso se realisar o projectado caminho de ferro de Mossamedes ao planalto.

CASA DO DIRECTOR

(COLONIA SÁ DA BANDEIRA)

COLONOS LAVRANDO OS CAMPOS

(COLONIA SÁ DA BANDEIRA)

HUMPATA

Em 1880 chegaram á Huilla muitos carros conduzindo familias Boers, vindas do Transval, as quaes gastaram na sua viagem, ou antes peregrinação, cerca de cinco annos.

Sendo-lhes impossivel descer a serra do Chella, fizeram alto, e destacaram uma deputação dos principaes chefes boers para Mossamedes, a fim de pedir ao governo lhes concedesse terrenos para cultivar.

Concedidos pelo governo os terrenos pedidos, na Humpata, sob condição de se sujeitarem ás leis portuguezas, começaram os boers a levantar as suas habitações, como se vêem na photographia, as quaes são construidas de barro amassado e cobertas de palha, tendo por pavimento um chão de terra batida: e feita uma valla na extensão de alguns kilometros para conduzir a agua para a rega das plantações, que houvessem de fazer, dividiram entre si os terrenos, ficando as habitações muito afastadas umas das outras, e espalhadas por todo o terreno concedido

Cada familia tem tres ou mais predios: casa de habitação, que é a principal e construida com mais cuidado; casa para gado, celleiros e armazens para guarda das colheitas, carros, ferramentas, etc.

Tendo a Humpata a principio ficado annexa ao concelho da Huilla, foi mais tarde, em virtude da sua crescente importancia, tornada concelho dependente do governador do districto. Tem hoje uma população superior a mil habitantes brancos, incluindo a colonia Sá da Bandeira.

Os boers trajam calças e casacos de belbotina, sapatos sem tacão e chapéus de feltro desabados. As mulheres usam vestidos de chita, lisos e apertados á cinta com uma fita, e na cabeça uma especie de touca que, resguardando-lhes do sol a cabeça e o rosto, lhes conserva a brancura do typo flamengo.

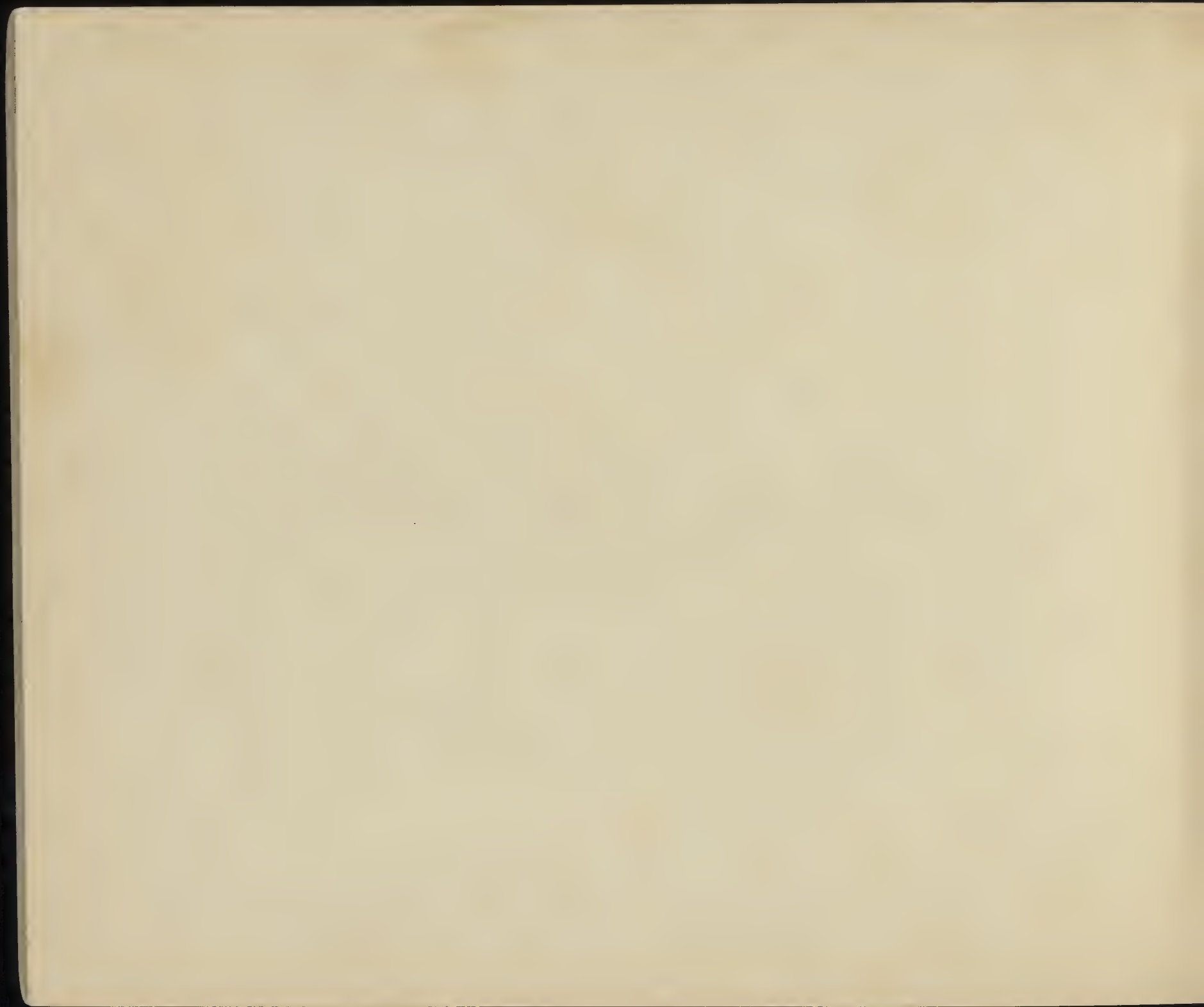
Os homens dedicam-se á caça, á creação do gado vaccum e á conducção de mercadorias entre o planalto e o litoral, de preferencia á agricultura. Da terra tiram simplesmente o preciso para o seu sustento. As mulheres são boas donas de casa, trabalhadoras, asseiadas, e em geral hospitaleiras, não levando a bem que se lhes recuse a chavena de café com leite que offerecem ao viajante.

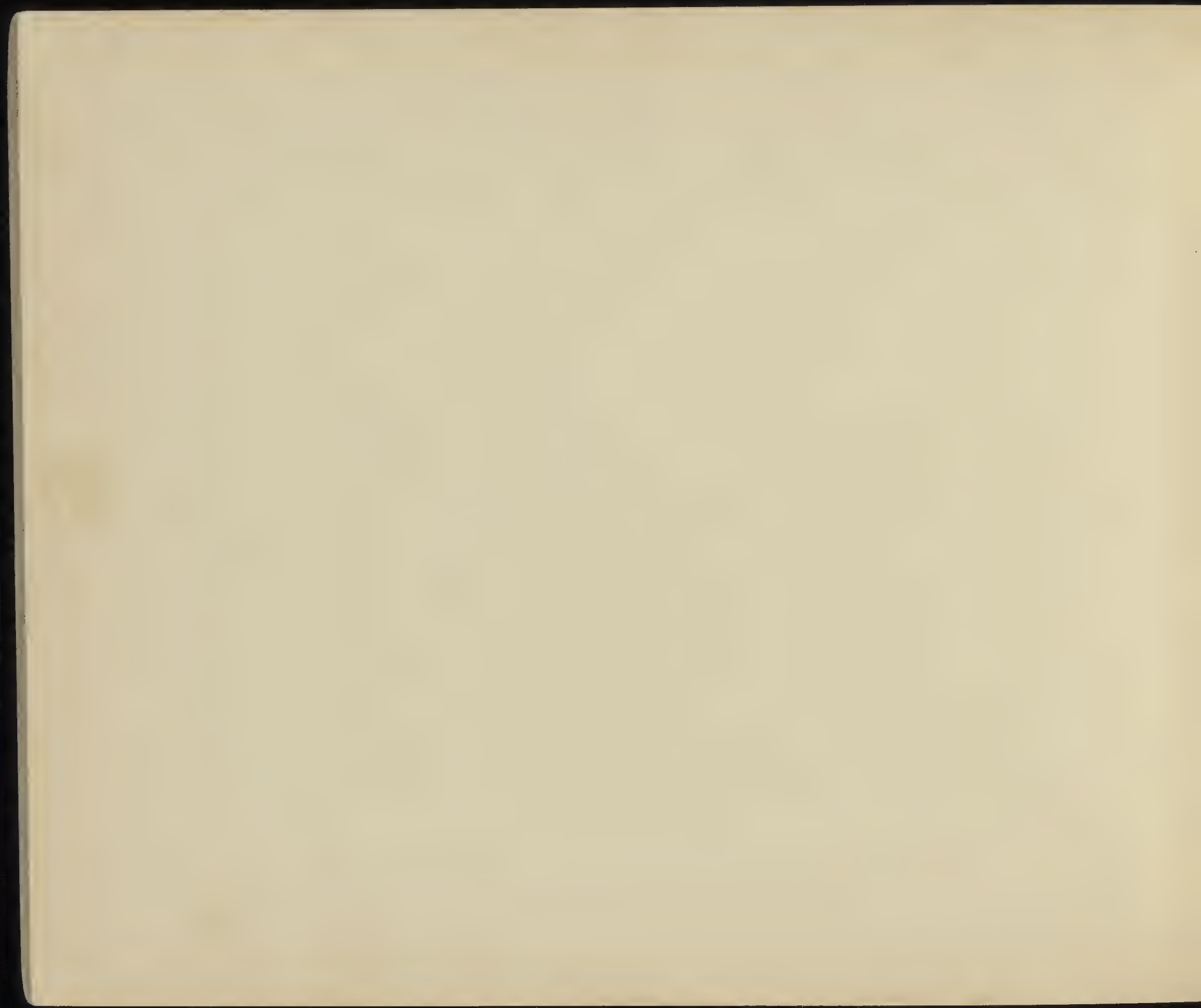
Os carros (vagons) são feitos com uma perfeição e solidez a toda a prova, e de madeiras escolhidas e apropriadas. São puxados por seis ou oito bois, são guiados pelos boers com notavel pericia. Podem conduzir uma carga de cerca de 2:000 kilogrammas.

O carro boer é uma casa ambulante, por isso que tem as commodidades indispensaveis n'uma viagem com familia. O estrado ou caixa assenta sobre quatro rodas, sendo as trazeiras fixas ao eixo, e o jogo dianteiro gira sobre um forte eixo de ferro para dar as voltas. O tecto é de lona, sustentado por arcos de madeira, e fechado fórma um quarto perfeitamente abrigado. Todas as demais peças são moveis, e põem-se e tiram-se á vontade.

Algumas caixas ligadas ao carro servem para arrecadação e de assentos. As guias dos bois e tudo o que faz o serviço das cordas, são feitas de tiras de coiro torcidas. Um enorme travão applicado ás rodas regula nas descidas a marcha dos carros, modernas arcas de Noé.

UM CARRO DE BOERS

(HUMPATA)

HABITAÇÃO DOS BOERS

(HUMPATA)

HUILLA

Vista Geral e Alameda

Huilla está situada a uma altitude de 1:650 metros acima do nivel do mar. Foi o primeiro ponto occupado no planalto do districto de Mossamedes, e constitue actualmente um concelho.

O concelho da Huilla tem uma área de 50:000 kilometros, pouco mais ou menos, e uma população que, segundo as mais recentes estatisticas, deve orçar por 160 habitantes brancos e 6:000 pretos. É de crer, porém, que as estatisticas de que nos soccorremos sejam muito deficientes, por ser quasi impossivel fazer um recenceamento exacto dos pretos avassallados, quanto mais d'aquelles que ainda o não estão, e que occupam um grande numero de *libatas*, que se acham espalhadas por todo o territorio do concelho.

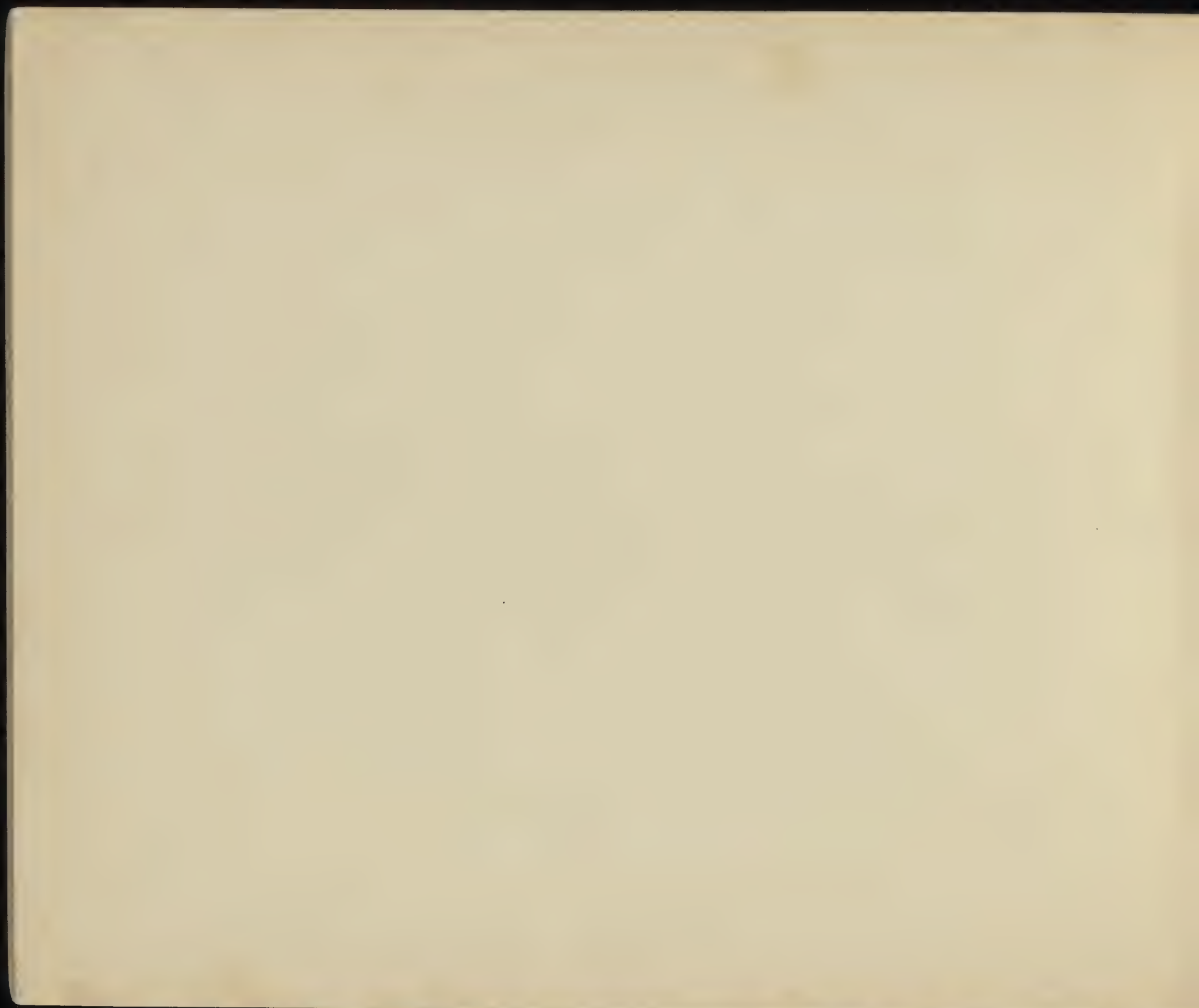
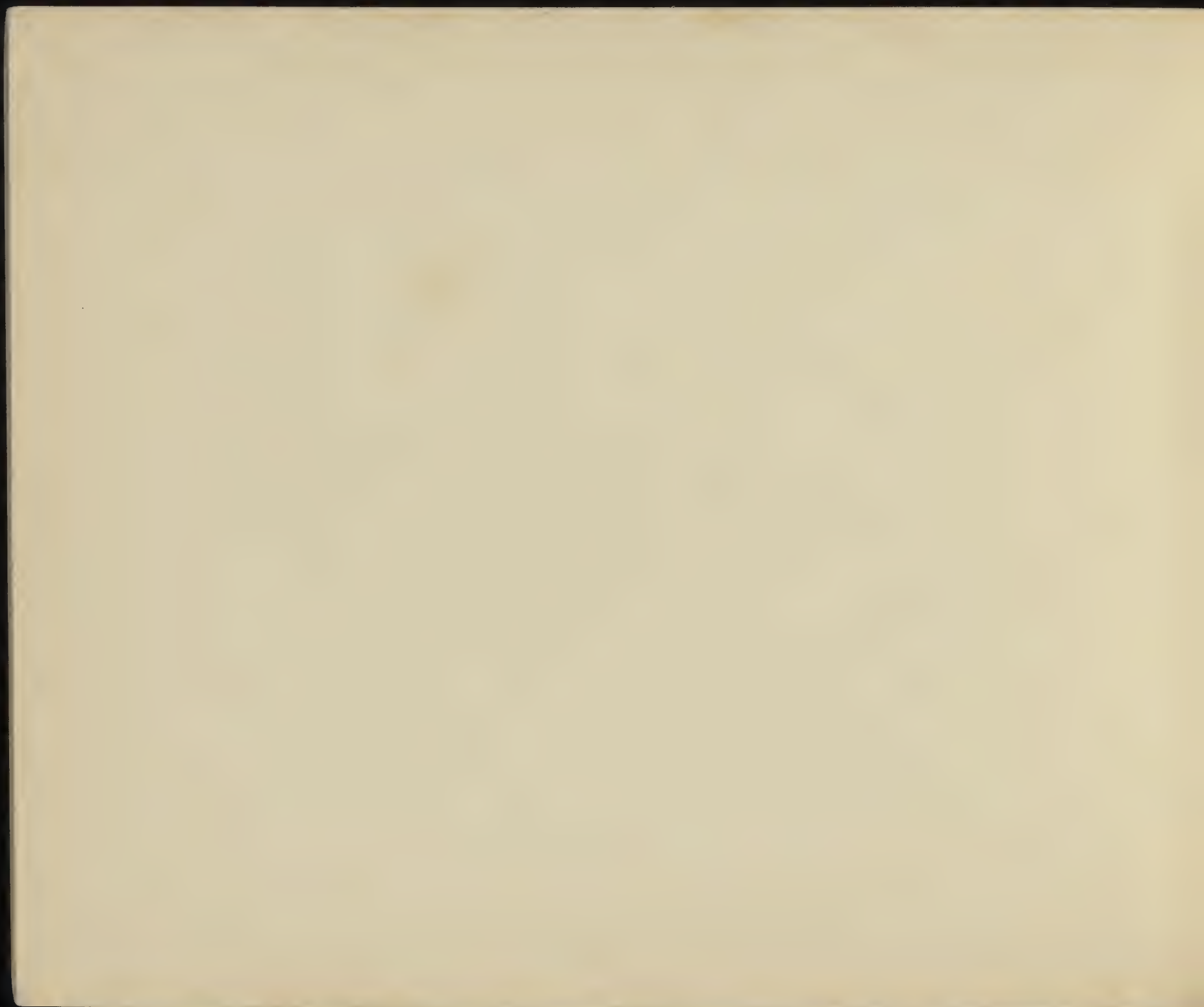
O primeiro elemento de colonisação entrado na Huilla foi uma colonia militar, enviada de Mossamedes, composta de soldados na maior parte incorrigiveis, os quaes, por necessidade, principiaram desde logo a agricultar as terras, que dividiram entre si em pequenos *arimos* (quintas). Pedindo mais tarde baixa do serviço, uns tornaram-se negociantes e outros continuaram nos trabalhos agricolas; dando, todavia, preferencia o maior numero á rapinagem, por lhes parecer mais expedictiva e menos incommoda. Com os pretextos mais futeis assaltavam o gentio visinho, a quem roubavam gado e fructos, dando por isso logar a continuas desordens, e até guerras que muito prejudicaram o desenvolvimento e bem-estar da parte sã e morigerada da colonia.

Actualmente a colonia está em caminho de prosperidade, e os habitantes da Huilla são mais socegados e trabalhadores; e, ao contrario do que succedia no principio da fundação, é o gentio não avassallado que ataca e rouba, quando póde, o negociante branco.

É de presumir que tal estado de cousas em breve desappareça; se, porventura, a acção governativa e administrativa se exercer com mais proficuidade e energia, sujeitando os rebeldes á auctoridade e directo dominio portuguez.

A povoação da Huilla, séde do concelho, está situada n'uma encosta de pequeno declive, ao fundo da qual corre um pequeno ribeiro. Tem a fórma de um quadrilatero, cujos lados limitam um grande largo coberto de capim, e ao centro do qual está levantada a fortaleza, com quartel, paiol, casa para secretaria e habitação do chefe do concelho; tudo, porém, mal arranjado, falto de commodidades e do indispensavel para o fim a que se destina. Aos lados ficam as casas dos habitantes, que são baixas e mal construidas, de adobe e cobertas de telha; uma pequena capella e a alameda, que se vê n'uma das photographias, as quaes fórmam um dos lados do quadrilatero.

O commercio na Huilla é muito limitado, e exerce-se em gado que os *Funantes* (individuos que andam pelo matto a negociar) trazem para a povoação e que vendem a troco de fazendas, missangas, aguardente, arame de metal, etc., a moeda corrente entre os indigenas d'esta região. A agricultura acha-se pouco desenvolvida. Pequenas searas de trigo, algum milho, batata, etc , e algumas arvores de fructo, importadas de Portugal, são objecto dos trabalhos agricolas. É para notar o bem que se desenvolvem os eucaliptos n'esta região, e o grande numero dos que se acham plantados.

VISTA GERAL DA HUILLA

RUA PRINCIPAL DA HUILLA

HUILLA

Carregadores e Cascata

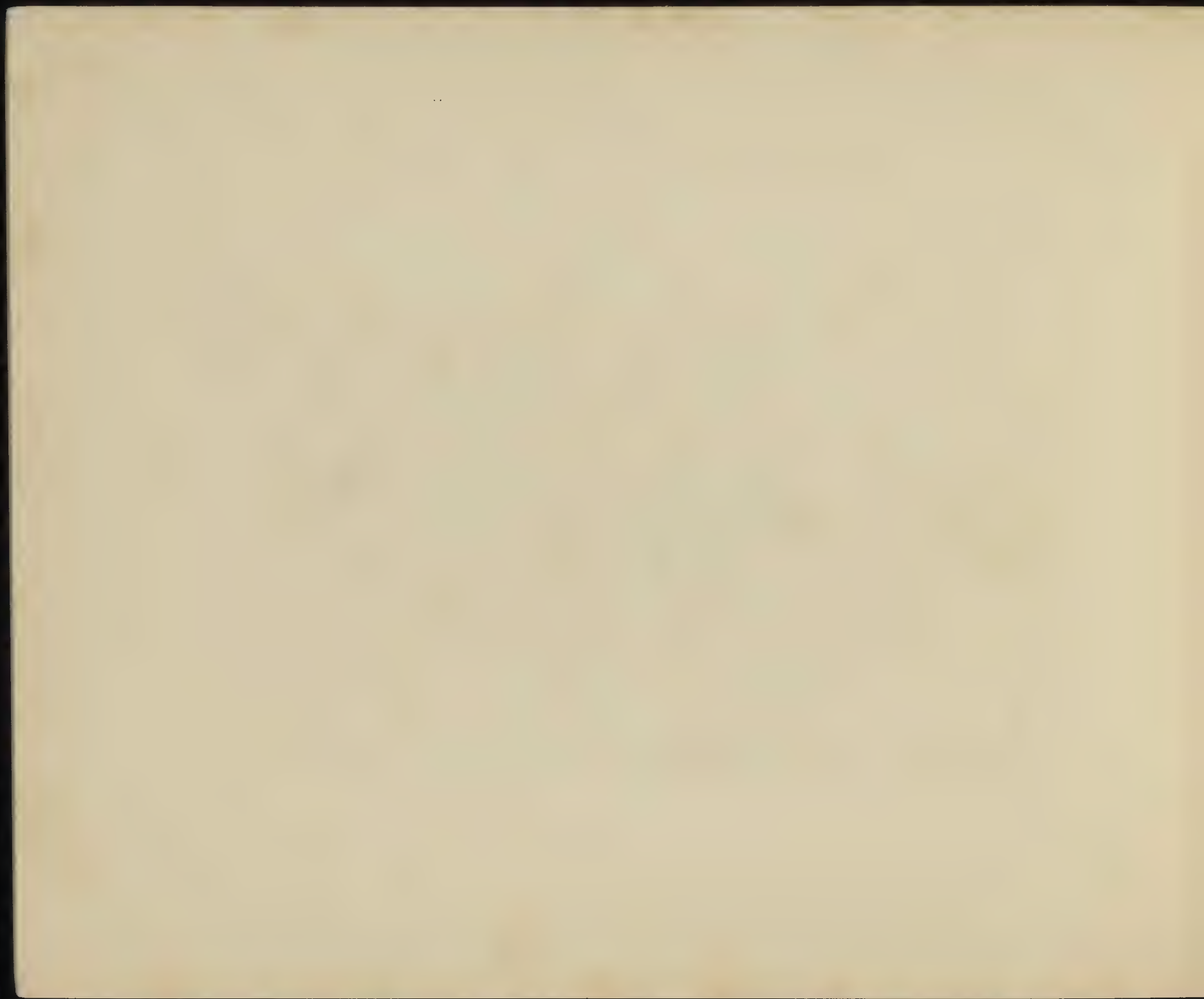
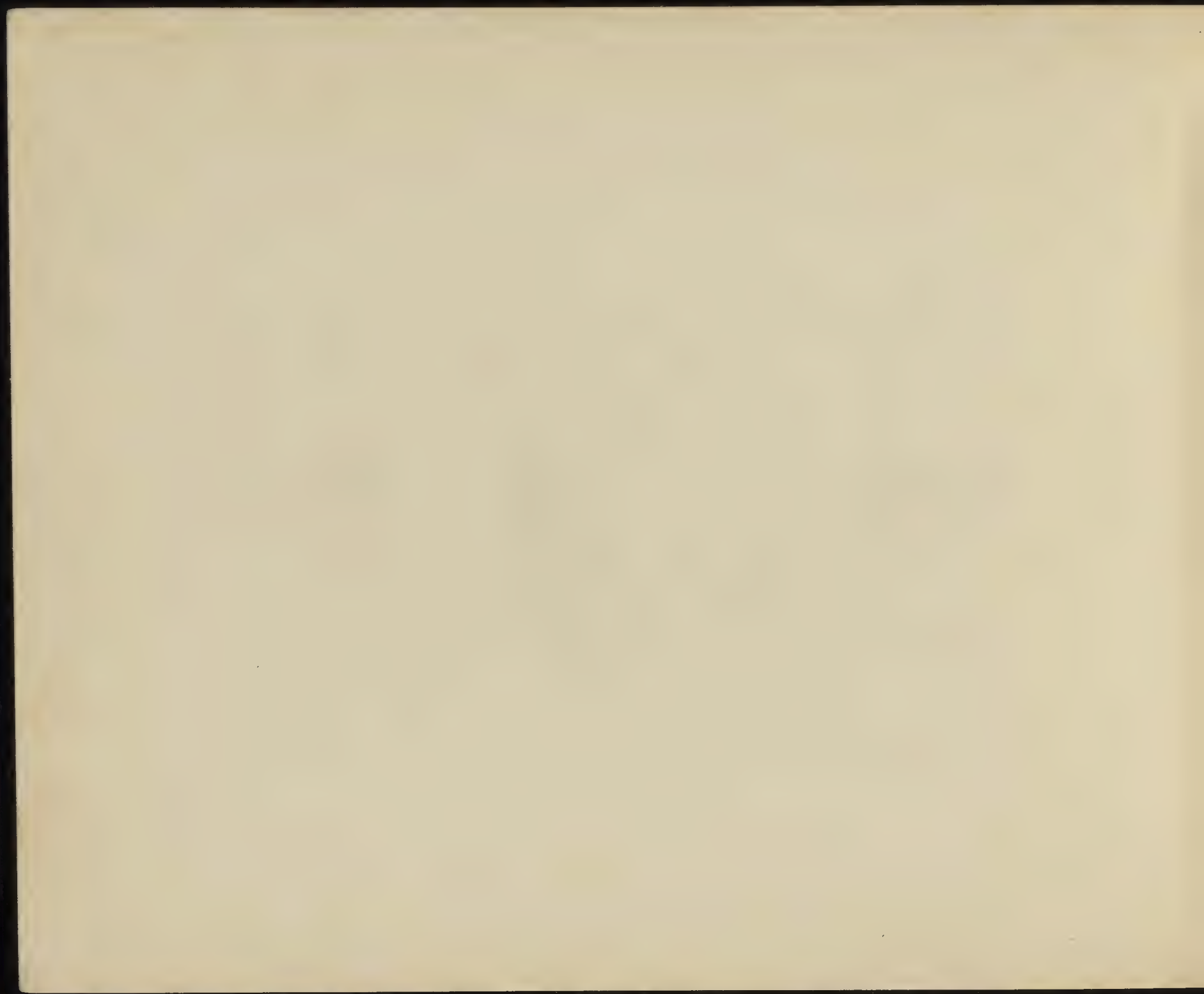
Como já n'outro logar se disse, torna-se indispensavel a quem viaja no interior a companhia e auxilio de carregadores, quer para a conducção de bagagens e transporte do viajante em tipoia ou machila, quer ainda para servirem de guias durante a viagem.

O districto de Mossamedes, com especialidade no planalto, é abundante em bois, e por essa rasão o viajante contráe logo, segundo o costume estabelecido, o compromisso da compra de um d'estes animaes para os carregadores. Estes, durante a viagem, não cessam de lembrar ao *patrão* o seu compromisso, objecto das suas conversas e planos do festim. É realmente uma festa para os carregadores a sua chegada a Huilla, que é um ponto de descanso e de comezaina.

No dia seguinte ao da chegada é escolhido o boi, que elles nunca acham bastante grande nem sufficientemente gordo, porque são de uma exigencia difficil de contentar. Mas, escolhido por fim o boi, é este morto e esfollado immediatamente pelos mais entendidos n'esse mister. Nada perdem do precioso animal, porque são aproveitados quanto se póde ser. O couro, depois de bem raspado, serve-lhes para fazer alpercatas e correias, e a carne propria para o effeito, depois de separada dos ossos, é cortada em tiras, que vão pendurar n'umas arvores proximas, para secar. Não a salgam porque o sal é caro, e tambem porque o dispensam. O resto do boi é cozido para fazer o banquete da festa, que dura os dois ou tres dias de descanso que ali se passam.

O ribeiro, que passa ao fundo do valle e junto á povoação, fórma uma pequena mas bonita cascata a uns 500 metros de distancia das habitações, e um agradavel passeio por uma estrada cortada por entre terrenos cultivados. A 5 milhas distante da Huilla, n'um sitio denominado pelo gentio — Palanca — existe um povoado de habitantes boers vindos da Humpata. Estabelecidos na planicie, ahi construiram as suas habitações, afastadas umas das outras, como é seu costume. O logar escolhido é feio, mas tem bons pastos, que se prestam para a creação de gado, sua principal occupação. Ficando além d'isso mais proximo do ponto da passagem obrigado para todos os viajantes que se dirigem para o interior do districto, para Gambos, Humbe, ou mesmo para além do Cunene, facilita-lhes o commercio e venda de gado, sua principal e talvez unica fonte de riqueza.

Os boers vão sabendo como se aproveitam os terrenos, e vão-nos escolhendo á feição das suas necessidades e da sua industria. Poderiamos nós fazer outro tanto, se quizessemos e se tivessemos tempo para pensar em pequenas cousas; mas parece que nos preoccupamos pouco com estas minudencias, que os outros sabem tornar grandes sob o unico imperio de uma vontade de ferro e de uma iniciativa util e productora. Aproveite quem poder; e bem haja quem trabalha na vinha do Senhor! Ha tanta familia pobre entre nós, robustas e honradas, que bem poderiam enriquecer com o seu trabalho, em propriedades suas; morigerar com o seu exemplo o indigena submisso e sociavel. Mas ninguem se quer sujeitar á sorte, porque já passou o tempo das aventuras... E o Brazil continúa com o seu commercio de importação, com a differença, porém, de haver substituido o *ebano* pelo *marfim*.

CASCATA DA HUILLA

CARREGADORES MUCOROQUES

MISSÃO DO HUILLA

Em 1881 chegou á Huilla o rev. Antunes, missionario, com a idéa de fundar uma missão. O governo secundou os propositos d'este ecclesiastico concedendo terrenos, passagens gratuitas aos missionarios e mais pessoal, e transporte de alfaias, mas não outros meios.

Estabelecida, comtudo, a missão portugueza no fertil valle do rio Mucha, assim chamado pelos indigenas, a 1 legua de distancia da Huilla, foi-lhe aggregado, em 1882, o seminario de Lande, que era subsidiado pelo governo. Foi então que, com este auxilio e com a actividade dos missionarios, a missão poude desenvolver-se rapidamente.

Conta já tres edificios n'uma das margens do rio, medindo cada um 40 metros de comprido por 6 de largo, os quaes são occupados pelos seminaristas, pelo collegio, officinas da missão e respectiva egreja. Do outro lado do rio Mucha está situado o «Orphanado» da missão, que é exclusivamente subsidiado pela «Santa Infancia», e onde cincoenta e tantos orphãos recebem sustento e educação.

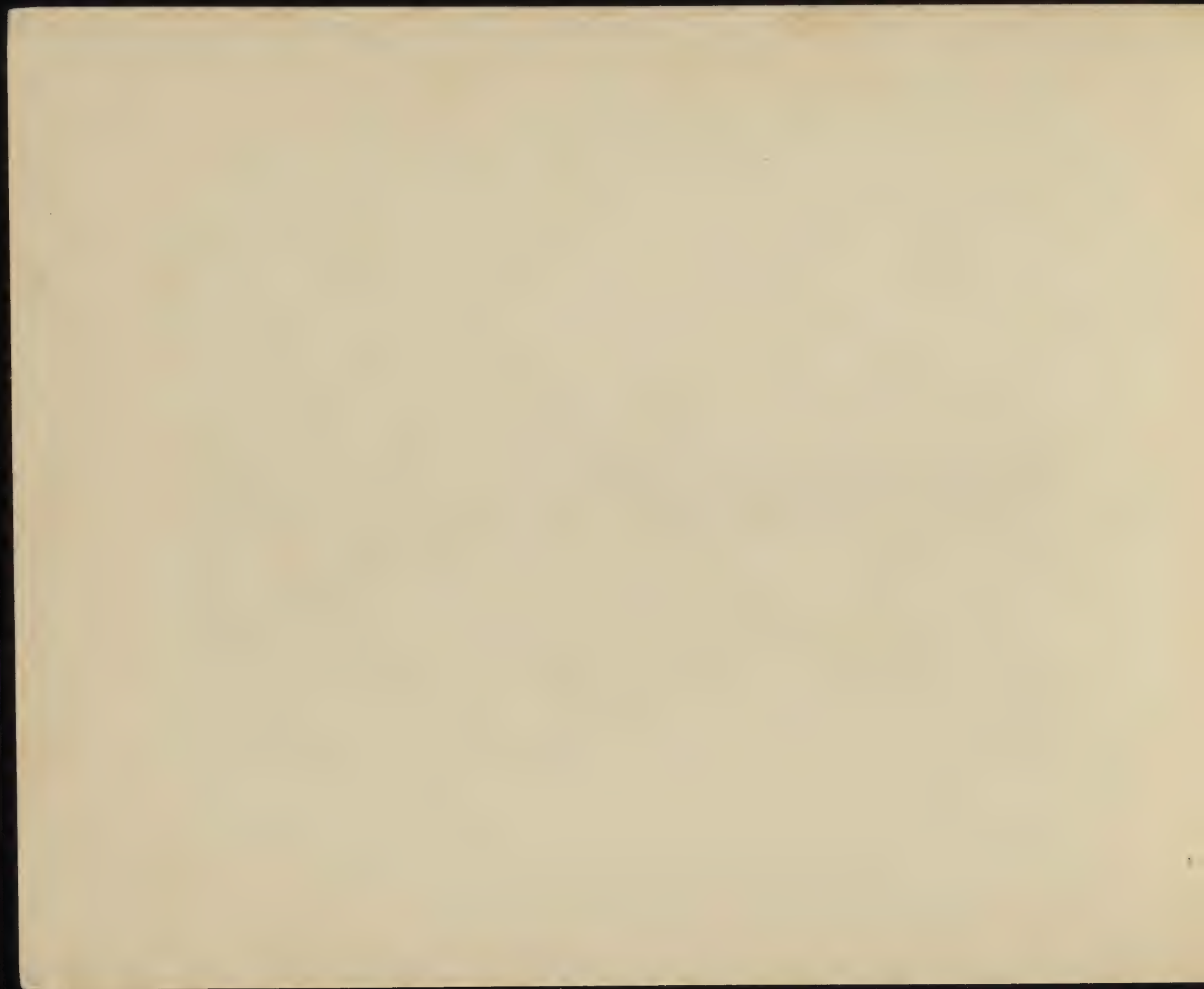
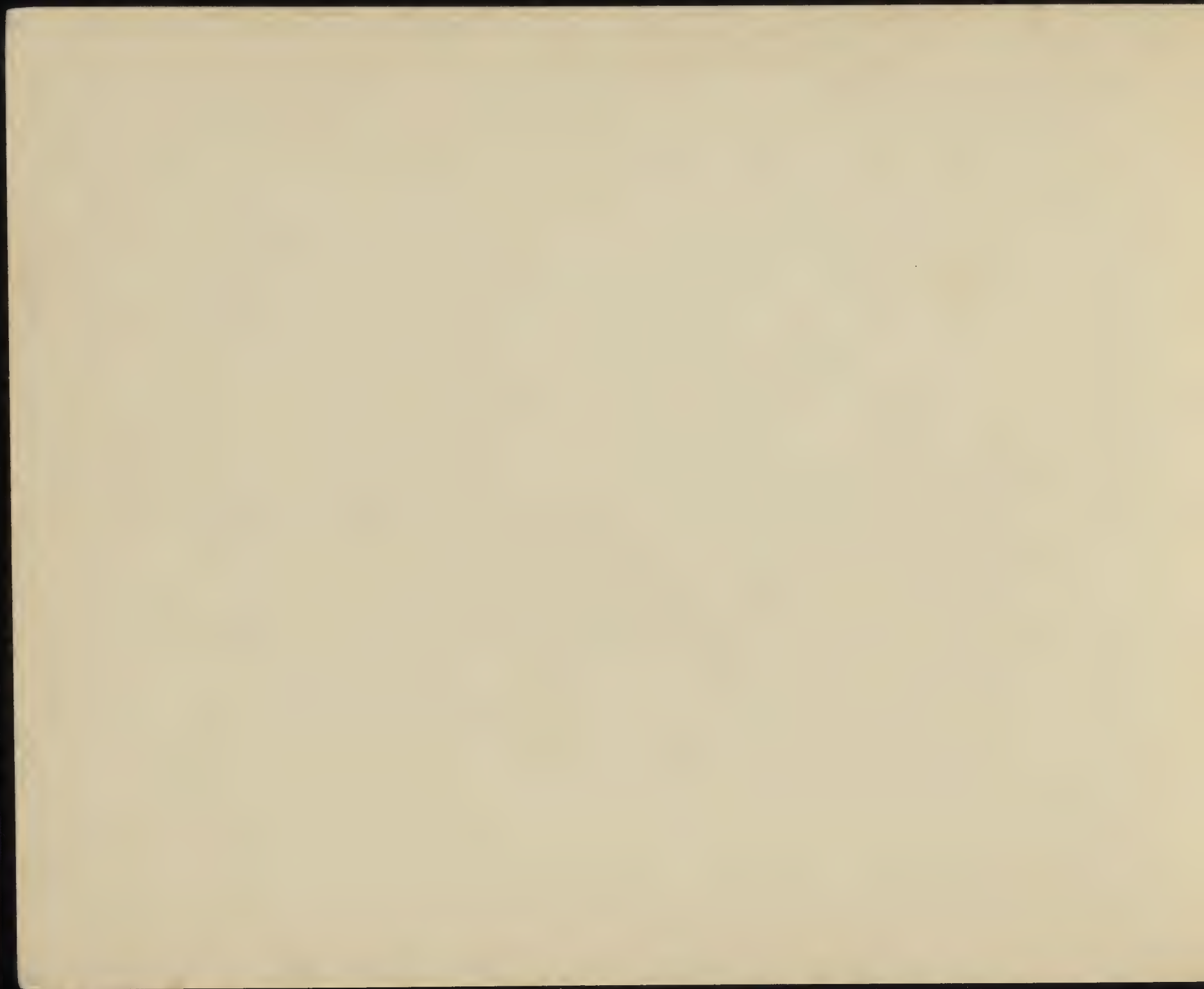
A photographia representa no primeiro plano a capella e parte dos edificios do seminario, e ao longe o Orphanado, constituido por dois corpos, comprehendendo o da frente, ao centro, a habitação dos missionarios, e os dos lados, um a capella e o outro a habitação dos orphãos. O edificio do fundo serve para as escolas, armazens, cosinhas, etc. Contiguo aos edificios ha jardins, hortas e campos cultivados para sustento do pessoal da missão, que tem filiaes nas Ambuellas e no Humbe.

COLONIA DA CHIBIA

Algumas familias de colonos madeirenses, que se destinavam ao Lubango, separaram-se, indo formar uma pequena colonia no sitio da Chibia, a uns 30 kilometros para o interior da Huilla, no caminho dos Gambos, onde chegaram a 16 de setembro de 1885. O logar escolhido foi uma pequena encosta a uma altitude de 1:525 metros, ao fundo da qual corre o rio Chimpanpunhimo, que nasce na Serra da Neve, no concelho da Humpata, e vae desaguar no Caculovar. O clima é mais temperado que o do Lubango, e os terrenos parece serem ferteis, não obstante acharem-se pouco desenvolvidas as plantações. No ultimo anno produziram trigo, cevada, centeio, milho, batatas e outros legumes, e algumas hortaliças. Acham-se tambem plantadas algumas arvores de fructa, e fazem-se ensaios de plantações de canna saccharina, algodão e tabaco.

Uma levada de 1:300 metros de extensão fornece agua para a rega das plantações baixas, estando em construcção uma outra para serviço da povoação e da parte alta da encosta. A povoação tem uma rua que mede 286 metros por 16 de largo, com doze casas de pau a pique, barradas e cobertas de capim, onde habitam os colonos; e uma outra rua transversal, da mesma largura e com 100 metros de comprido, onde estão os edificios do governo, isto é, a casa do director, cadeia, quartel, etc.

O numero de colonos é apenas, n'esta data, de quarenta e dois.

MISSÃO DA HUILLA

COLONIA DO CHIBIA

TYPOS DO HUMBE E DO CUANHAMA

Os paizes do Humbe e do Cuanhama ficam aquem e além do Cunene; o Cunhama fica já fóra dos dominios portuguezes, cujo limite é o rio Cunene. As terras d'estas regiões, formadas de extensas planicies cobertas de abundantes pastagens, são muito ricas de gado. Seus habitantes dedicam-se de preferencia á vida pastoril; contentam-se com os fructos naturaes e com a *maçamballa*, *massango* (painço) e com o *macunde* (feijão miudo) que semeiam para seu sustento.

Os indigenas são supersticiosos, crêem n'um ente superior, a que chamam *Suco*, e invocam tambem o *Calunga* (mar), e temem os *feitiços* e as *almas do outro mundo*, em que acreditam cegamente. Quando morre algum dos seus, a sua morte é attribuida sempre a *feitiçaria*; fazem a advinhação, e aquelle sobre quem recaem as culpas, tem de pagar valores importantes para não ser morto.

A succesão é sempre por irmão da mãe, ou, na falta d'este, por sobrinho mais velho, filho de irmã. O filho nunca herda do pae e só conserva aquillo que elle lhe deu em vida.

O soba governa auxiliado pelos *macotas* (ministros), e é o chefe supremo do paiz; tem delegados no governo das povoações, que se chamam *secúlos* (donos de libatas). Tanto os sóbas como os macotas e secúlos têem direito de vida e morte sobre os seus subordinados e vassallos, que são considerados como escravos. Cada homem póde ter tantas mulheres quantas possa sustentar, ha *secúlos* que possuem seis e mais, o que é signal de poder e grandeza.

O *vestuario* dos homens limita-se a um cinto de couro, ao qual prendem na frente e na retaguarda um pedaço de couro surrado; as mulheres, porém, usam uma especie de saiote curto enfeitado a missangas, que lhes cobre mais a nudez, e manilhas de metal nos braços e nas pernas. Uns e outros untam-se com manteiga de vacca misturada com hervas aromaticas, e sacrificam apenas nascem as creanças defeituosas. São guerreiros, e a sua arma favorita é a flecha e a azagaia envenenadas, que manejam bem. Suppõem descender de animaes, como o elephante, o lobo e a *abelha*; e alguns ainda se dizem filhos do vento e da chuva!... E, para cumulo do original, quando morre algum chefe ou soba, em signal de respeito, penduram-no pela cabeça e conservam-no assim até o corpo cair; em seguida é sentado com as pernas dobradas ao longo do corpo, e, posta a cabeça sobre os joelhos, é envolvido em um couro de boi e levado a enterrar.

* * *

Damos por terminado o nosso trabalho, onde, ainda que muito resumidamente, fizemos por tornar conhecidas do leitor as bellezas naturaes existentes nos dominios portuguezes da Africa Occidental, os usos e costumes indigenas, os progressos realisados, os beneficios da colonisação e os serviços dos missionarios entre selvagens que tanto carecem de luz e de instrucção.

O nosso estylo foi sempre despretencioso e sem colorido, porque tivemos de nos limitar constantemente á indispensavel medida que nos marcamos e não tinhamos em vista senão dar uma noticia da nossa exploração artistica por aquellas possessões. Se com ella nada lucrou a litteratura e a sciencia, nada perdeu, porém, a arte.

TYPOS DO HUMBE

TYPOS DO CUANHAMA